

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

ANA MARIA RIBEIRO FURTADO

O ENSINO RELIGIOSO COMO PARTE INTEGRANTE DA
FORMAÇÃO DO PEDAGOGO A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DO
CIDADÃO BRASILEIRO.

VITÓRIA

2014

ANA MARIA RIBEIRO FURTADO

O ENSINO RELIGIOSO COMO PARTE INTEGRANTE DA
FORMAÇÃO DO PEDAGOGO A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DO
CIDADÃO BRASILEIRO.

Dissertação de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de Mestre em Ciências das
Religiões na Faculdade Unida de Vitória, no Programa
de Pós Graduação em Ciências das Religiões. Área de
concentração Religião e sociedade.

Linha de Pesquisa: Religião e Esfera Pública.

Orientador: Prof^o. Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro

VITÓRIA

2014

Furtado, Ana Maria Ribeiro

O ensino religioso como parte integrante da formação do pedagogo a serviço da formação do cidadão brasileiro/ Práticas Pedagógicas Diversas/ Ensino religioso/ Propostas de temas para aulas/ Ana Maria Ribeiro Furtado. – Vitória: UNIDA /Faculdade Unida de Vitória, 2014.

Xiii, 81 f.; 31 cm.

Orientador: Osvaldo Luiz Ribeiro

Dissertação (mestrado) UNIDA /Faculdade Unida de Vitória, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 253- 258

1 – Ciências da religião. 2 . Formação e atuação do pedagogo. 3. O ensino religioso na formação do pedagogo. 4. O ensino religioso na educação infantil e no ensino fundamental. I. Ana Maria Ribeiro Furtado. II. Faculdade Unida de Vitória, 2014. III. Título.

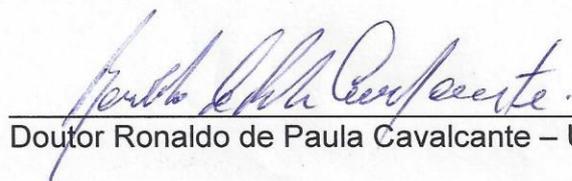
ANA MARIA RIBEIRO FURTADO

**O ENSINO RELIGIOSO COMO PARTE INTEGRANTE NA FORMAÇÃO DO
PEDAGOGO A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DO CIDADÃO BRASILEIRO**

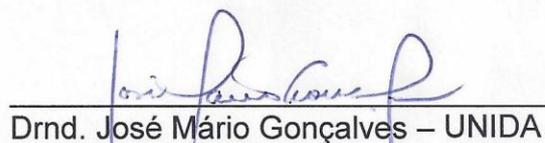
Dissertação para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões no
Programa de Mestrado Profissional em
Ciências das Religiões da Faculdade Unida
de Vitória.



Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA (presidente)



Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA



Drnd. José Mário Gonçalves – UNIDA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1.
I FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO.....	4
1.1 A atuação dos Pedagogos no contexto social	13
1.2 Competências necessárias na Formação do Pedagogo.....	20
II O ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO.....	28
2.1 OS Níveis de Ensino e a Atuação do Pedagogo	35
III O ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL.....	38
3.1 O Ensino Religioso e o Ensino Fundamental	38
3.2 O Ensino Religioso e as Festas Religiosas	47
3.3 O Ensino Religioso Através das Músicas e Cantos Populares	55
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS.....	77

RESUMO

A educação brasileira, cujo nascimento, é reconhecidamente católica, mesmo com a edição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, de 1996 (20/12/96), não conseguiu tornar-se, de fato laica, tendo em vista a grande pressão dos grupos religiosos, que decidiu por manter, (artigo 33), o Ensino Religioso como obrigação do Estado para a educação infantil e ensino fundamental, sendo, no entanto, facultativo para os alunos. O Ensino Religioso ministrado nas escolas públicas deixa claro que os docentes, em muitos casos não estão preparados para assumir a docência dessa disciplina, seja por falta de conhecimento ou por fazer destas aulas, catequese de interesse da religião que professam. Esta situação pode estar vinculada ao fato de que nos cursos de Pedagogia não existe disciplina para formar os pedagogos aptos a atuarem na disciplina de ensino religioso. Se por um lado, o curso de Pedagogia ampliou a atuação do pedagogo nos mais diversos campos sociais: escola regular, hospitais, museus, penitenciárias e outros, por outro, não os prepara para assumir a docência do Ensino Religioso. O curso de Pedagogia da Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB, que serviu de base deste estudo, mostrou com clareza que o pedagogo sai do ensino superior sem estar preparado para lecionar a disciplina nas primeiras séries da educação básica. Esta carência poderá ser suprida com a reformulação da proposta pedagógica do curso de pedagogia para fazer incluir disciplina que capacite os pedagogos para atuarem com o histórico social das religiões em suas mais diversas manifestações no país. Buscando suprir esta carência, o capítulo final deste estudo, propõem, com objetividade, exemplos que poderão ser utilizadas pelos docentes para que as aulas de ensino religioso sejam mais dinâmicas, alegres e menos catequéticas, através das indicações de festas das grandes religiões e de canto/músicas populares que traduzem essa diversidade religiosa no país.

Palavras chaves: Ensino Religioso, Pedagogia. Diversidade

ABSTRACT

The Brazilian education, whose birth is admittedly Catholic, even with the enactment of the Law of Directives and Bases of National Education - LDB, 1996 (20/12/96), failed to become, in fact secular in order great pressure from religious groups, which decided to maintain (Article 33), religious Education as a State obligation for Kindergarten and Elementary Education, being, however, optional for students. Religious Education taught in public schools makes clear that teachers in many cases are not prepared to take the teaching of this discipline because of lack of knowledge or do these classes, catechesis of interest religion they profess. This may be linked to the fact that in teaching courses there is no discipline to train teachers able to act in religious education discipline. On the one hand, the Faculty of Education has expanded the role of the teacher in various social fields; regular schools, hospitals, museums, prisons and other, on the other does not prepare them to take the teaching of Religious Education. The Faculty of Education at the Open School in Brazil - ESAB, which was the basis for this research, showed clearly that the teacher leaves the higher education unprepared to teach the discipline in the early grades of basic education. This deficiency can be filled with the reformulation of the pedagogical course proposal to include discipline that enables educators to work with the social history of religions in its various manifestations in the country. Seeking fill the gap, the final chapter of this study, propose objectively examples that can be used by teachers for the religious education lessons are more dynamic, cheerful and less catechetical, across indications parties of the great religions and singing / music popular translating this religious diversity in the country.

Key words: Religious Education, Pedagogy. Diversity.

INTRODUÇÃO

A educação é uma instituição universal presente em todas as sociedades e que, através de longos processos, busca garantir o desenvolvimento social ao integrar as pessoas à cultura local e globalizada. É neste processo educacional que funções como a escrita, a matemática e capacidade de pensar sobre a ética, a segurança, o meio ambiente, o convívio social e a saúde são construídas.

No entanto, para que a educação possa garantir o desenvolvimento da sociedade, são necessários profissionais que assumam o processo educativo. Neste contexto, o curso de Pedagogia apresenta como um de seus objetivos, habilitar os alunos para que possam atuar na Educação Básica escolar (formal), além de habilitá-los a assumirem as funções técnico-administrativas inerentes à educação, tais como: gestão escolar, coordenação pedagógica, planejamento escolar e pesquisa e inspeção institucional. O mesmo curso ainda possibilita a atuação do pedagogo em outras instituições que propõem ofertar a educação (não formal): hospitais, empresas, órgãos de segurança pública, terceiro setor, igrejas, etc..

Na atualidade o currículo do curso de pedagogia é composto por disciplinas que atende às várias áreas científicas, tendo a parte teórica e busca da prática através dos estágios curriculares realizados ao longo do curso. Além das disciplinas “profissionalizantes” o curso apresenta ainda um conjunto de disciplinas para aprofundamento da legislação educacional (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.394/96, Plano Nacional de Educação, Fundeb, etc..). Vê-se que, a partir da estrutura curricular definida, a pretensão do curso de Pedagogia é garantir que o futuro pedagogo tenha conhecimentos sobre os processos de formação geral do ser humano, da legislação própria aplicada à educação e de seus processos administrativos e de planejamento da educação.

Certo é que, apesar da amplitude curricular do curso de pedagogia, ainda podemos apresentar uma carência, por certo, com consequências trágicas na formação do pedagogo: a ausência de disciplina que trata do Ensino Religioso, uma vez que para as escolas públicas do Ensino Fundamental (dom 1º. Ao 9º. Ano) ela é obrigatório (Art. 33 – LDB). Considerada por muitos especialistas e educadores como uma área polêmica, já que, historicamente está ligada à construção e formação da sociedade brasileira, há uma resistência em assumir a formação do pedagogo nessa área que pode contribuir para atitudes de tolerância e respeito que conduzem a um diálogo solidário nas estruturas sociais vigentes.

Com a evolução da tecnologia, crianças, adolescentes e jovens tem acesso a todos os tipos e níveis de informações, inclusive sobre religião. Mas, as informações sozinhas e fora do contexto de formação dialógica e formal, não são suficientes para criar atitudes que possam fazer a diferença para uma sociedade equilibrada em suas relações com as diferenças históricas, culturais e religiosas existentes. Entre todos os desafios que a educação tem enfrentado, está a revolução silenciosa dos valores humanos, antes, responsabilidade exclusiva da família e complementada pelas instituições escolares, que foram postas de lado ou até mesmo esquecidas.

De tempos em tempos, vários modelos surgem para melhorar o processo de aprendizagem, como metodologias e ferramentas tecnológicas. Só que todas as inovações não têm atendido a formação e a construção de liberdade e responsabilidade que edificam a cidadania. E o que se tem assistido nas escolas são comportamentos violentos, egoístas e destrutivos, além da perda da ação nobre da gentileza ocorrendo cada vez mais cedo e, se perpassando para além dos portões das instituições sociais.

A partir desta constatação definimos como Problema da pesquisa realizada o despreparo do pedagogo para atuar no Ensino Religioso e a pluralidade religiosa como uma das áreas a ser trabalhada desde a educação Infantil e o Ensino Fundamental nas classes de educação formal.

O Tema da pesquisa “O Ensino Religioso Como Parte Integrante da Formação do Pedagogo a Serviço da Formação do Cidadão Brasileiro”, merece atenção por parte dos dirigentes das instituições escolares e dos formadores, uma vez que, o pedagogo atua nas bases da inserção do indivíduo na sociedade promovendo transformações, como por exemplo, a compreensão e o acolhimento às diferenças culturais e religiosas.

Como as crianças estão ingressando cada vez mais cedo nas escolas, o ambiente escolar favorece o contato com os diferentes grupos sociais locais. No entanto os pedagogos, e os dirigentes educacionais, demonstram desconhecer as realidade religiosa do conjunto dos alunos e privilegiam somente a que seguem, dificultando assim, a aproximação com as crianças e seus familiares. Ao observar o currículo do curso de Pedagogia, percebe-se que o Ensino Religioso ainda é tratado com cautela e tabu. Algumas áreas de conhecimento citam a Religião como um tema, mas sem a propriedade necessária para que se trabalhem os preceitos de tolerância e acolhimento religioso e construir desde a infância novas atitudes de relacionamento social.

O Objetivo geral deste trabalho é compreender a importância da inserção do Ensino Religioso nos currículos dos cursos de Pedagogia, com a percepção atual da pluralidade religiosa. O objetivo específico aponta para a necessidade de uma formação profissional do pedagogo eficaz, que atenda a real construção da cidadania dos alunos desde a Educação Infantil.

Este trabalho está dividido em três capítulos sendo que, no primeiro, será apresentada uma visão geral da atuação do pedagogo no contexto social brasileiro, as competências necessárias à sua formação na atualidade e, o Ensino Religioso no processo de formação do Pedagogo

No segundo capítulo será apresentado os níveis de ensino, conforme a legislação brasileira e a atuação do pedagogo nas instituições educacionais, local onde estes profissionais, preferencialmente, exercem suas funções e, a inserção do Ensino Religioso, primeiramente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Por fim, no terceiro capítulo será apresentada uma proposta de inclusão da área de Ensino Religioso na estrutura curricular do curso de Pedagogia, com apresentação das principais festas religiosas das grandes religiões que estão presentes no território nacional, músicas e cantos populares que identificam grandes religiões e seus ritos, deuses, costumes como forma de auxiliar os pedagogos em suas aulas.

O conhecimento aprofundado das religiões, de outras culturas e etnias ainda estão distantes do currículo dos educadores. Porém na atualidade é muito fácil se deparar em uma sala de aula com uma crianças de outra realidade sócio-religiosa e que precisa do mesmo acolhimento e atendimento acompanhamento daquelas que fazem parte do mesmo contexto social e religioso dos limites da escola. Este é o papel da escola e dos educadores. Disto temos certeza. E dele não se pode fugir sob risco de negar formação integral como determinação da legislação.

1. FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

Tomamos como referência para nosso trabalho o Curso de Pedagogia presencial da Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB, por apresentar uma proposta diferenciada e significativa em seu currículo do curso de pedagogia, em relação às estruturas curriculares dos cursos de pedagogia de outras faculdades da região. Segundo o coordenador do curso o mesmo foi pensado para incentivar a ampla articulação entre a teoria e a prática, a partir da antecipação de início dos estágios supervisionados, apresentado com regulamento próprio no Projeto Pedagógico de Curso¹, [...] “construído em consonância ao preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional², e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais³ estabelecidas para o Curso.”

A antecipação dos estágios supervisionados para o segundo período do curso, tem por objetivo, segundo o Projeto Pedagógico de Curso da ESAB,⁴ “integrar os conteúdos acadêmicos, compreender processos institucionais de espaços escolares e não escolares, avaliar planos ou programas num exercício de construção e ampliação dos conhecimentos teórico-práticos.” O estágio antecipado possibilita, então, contato imediato dos alunos do curso de pedagogia com as instituições educacionais (públicas e privadas) e seus alunos, ambiente onde se desenvolve prática docente.

O curso de pedagogia se propõe a estudar e compreender o local onde ocorre a relação de ensino aprendizagem que, num primeiro momento é focado na escola formal/ regular, no entanto, por sua especificidade na formação de pedagogos, o curso amplia sua visão e campo de estudos para outros ambientes onde ocorre também o processo de aprendizagem. Segundo Libâneo⁵:

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo stricto sensu, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas sócio educativas de tipo formal, não formal e informal, decorrentes de novas realidades, novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação e informação, mudanças profissionais, desenvolvimento sustentado, preservação ambiental [...].

¹PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB - Curso de Pedagogia Presencial, 2010, p. 8.

²LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - Lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

³DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA, LICENCIATURA. - RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006.

⁴PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB - Curso de Pedagogia Presencial, 2010, p.29.

⁵LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Quê?* 9ª Edição. São Paulo – SP. Editora Cortez, 2007, p. 38.

As áreas científicas que compõem a ciência da educação, tais como a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia, a História e a Didática são a base inicial do curso e, ocupam-se de suas próprias especificidades, unindo-se a Pedagogia. Segundo Libâneo⁶, “cada uma dessas ciências aborda o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação.” O autor⁷, afirma ainda que “É a Pedagogia que pode postular o educativo propriamente dito e ser ciência integradora dos aportes das demais áreas.”

Algumas áreas básicas nos estudos da Pedagogia têm por objetivo entender e aprimorar os processos de ensino e aprendizagem. Dentre as áreas da ciência conhecidas como básicas, encontram-se as Ciências Humanas, que se preocupam com as relações dos seres humanos. A busca por compreensão nas relações humanas sejam estas de afeto, amizade ou de poder, são analisadas e investigadas no contexto educacional no campo da Sociologia, Filosofia, História e Psicologia. Ao se aprofundar nestas ciências, o pedagogo se prepara, segundo o Projeto Pedagógico de Curso da ESAB,⁸ para seguir:

[...] além da competência técnica para o exercício de suas atribuições, deve ser um cidadão em plenitude, que compreenda o contexto sócio político e cultural em que está inserido, tendo condições de discuti-lo de forma participativa, ajudando a implementar as mudanças necessárias ao desenvolvimento da sociedade e ao bem estar de todos.

Ao aprofundar no *que-fazer* dessas Ciências Humanas, o curso de Pedagogia da ESAB qualifica os estudantes para que adquiram um olhar crítico e compreensivo da realidade social, nos seus aspectos políticos, da economia e ainda na cultura próprias dos estudos na área de Sociologia da Educação. As constantes mudanças, em todos os âmbitos das relações sociais, levam os estudos da Sociologia da Educação a se adequar com a finalidade de capacitar o futuro pedagogo, primeiramente na tomada de consciência de sua cidadania, dos seus direitos e deveres, para que então participe de forma ativa do contexto social no qual está inserido. Na atualidade é esperado que novas competências sejam desenvolvidas para que os profissionais da educação possam conduzir com eficácia o processo de ensino aprendizagem e assumam seu papel na transformação da realidade humana. Saviani,⁹ esclarece:

⁶LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Quê?* 9ª Edição. São Paulo – SP. Editora Cortez, 2007, p. 38.

⁷LIBÂNEO, 2007, p.37.

⁸PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB - Curso de Pedagogia Presencial, 2010, p. 17.

⁹SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1980, p.63.

O homem é um ser situado. Possui, no entanto, a capacidade de intervir na situação para aceitar, rejeitar ou transformar (liberdade). Contudo, sua capacidade de intervir na situação está na dependência do grau de consciência que possui da situação. O trinômio situação - liberdade - consciência caracteriza, pois, a existência humana. Compreender essa existência é, então, compreender o homem atuando dialeticamente no mundo num processo de transformação.

O exemplo citado na disciplina de Sociologia da Educação ocorre também em outras áreas das Ciências Humanas, necessárias aos estudos do campo pedagógico. A Psicologia da Educação irá investigar os desafios inerentes aos fenômenos educacionais e, transitando por teorias que auxiliam a compreensão do processo de aprendizagem escolar. Piletti¹⁰ afirma que [...] cinco das principais teorias procuram compreender e explicar o processo de aprendizagem: teoria do condicionamento, teoria da Gestalt, teoria de campo, teoria cognitiva e teoria fenomenológica [...].

Somam-se ainda a estas, as teorias da motivação, condicionamento, cognitiva, humanista e psicanalista e a teoria do desenvolvimento humano de Jean Piaget importante para a formação do pedagogo¹¹.

A Psicologia da Educação e a Didática apresentam também estudos da epistemologia genética, como um subsídio às demais áreas de conhecimento. A epistemologia genética de Piaget, segundo Haydt¹², “[...] estuda a gênese, e o desenvolvimento das estruturas mentais e o processo de construção do conhecimento.” A partir das suas descobertas e conclusões na área da Psicologia genética, novas diretrizes passaram a ser estudadas e aplicadas na prática educativa. Para Piaget¹³, o [...] conhecimento não seja jamais um estado e constitua sempre um processo, esse processo é essencialmente a passagem de uma validade menor para uma validade superior [...].

A Filosofia da Educação está inserida no currículo do curso de Pedagogia, uma vez que, na antiguidade, eram os filósofos que se dedicavam à formação de crianças e jovens, em amplo sentido. Segundo Saviani¹⁴, “a História reconhece como os grandes intelectuais que conseguiram expressar de forma mais elaborada os problemas das respectivas fases do desenvolvimento da humanidade.” A Filosofia, “enquanto concepção de mundo formula e

¹⁰PILETTI, Nelson. *Psicologia da Educação*. São Paulo: Editora Ática, 2003, p.49.

¹¹PILETTI, 2003, p. 74 e 210.

¹²HAYDT, Regina, Célia. *Curso de Didática Geral*. São Paulo, Ed. Ática, 2010, pg.51.

¹³PIAGET, Jean. *Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento*. Tradução Agnes Cretella, 2ª edição, Rio de Janeiro: Forense 1978, p. 14.

¹⁴SAVIANI, Demerval Saviani. *Contribuições da filosofia para a educação*. Em aberto, Brasília, ano 9, n.45, p.7, jan./mar. 1990.

encaminha a solução dos grandes problemas postos pela época que dela se constitui¹⁵”. Neste contexto, a Filosofia é uma ciência de natureza teórica, esclarecida por Chauí¹⁶:

A filosofia trabalha com enunciados precisos e rigorosos, busca encadeamentos lógicos entre os enunciados, opera com conceitos ou ideias obtidos por procedimentos de demonstração e prova, exige a fundamentação racional do que é enunciado e pensado. Somente assim a reflexão filosófica pode fazer com que nossa experiência cotidiana, nossas crenças e opiniões alcancem uma visão crítica de si mesmas.

A proximidade entre a Filosofia e a Pedagogia ganha espaço quando a educação se torna universal, e as crianças pobres são inseridas na escola. A aquisição de uma postura questionadora e reflexiva, diante de insatisfações e inquietações da educação leva o educador a um questionamento: “que sociedade e que sujeitos queremos formar?”¹⁷ Este questionamento prevalece nos estudos de Pedagogia, acompanhando os atuais paradigmas apresentados. No entanto, a Filosofia da Educação não é conteúdo simples nos primeiros períodos do curso de Pedagogia.

Os estudantes do curso de pedagogia buscam respostas imediatas aos problemas apresentados pelos alunos que acompanham em seus estágios supervisionados e em projetos sociais. Percebem que a Filosofia da Educação não lhes dará respostas sobre as dificuldades de aprendizagem nem sobre a gestão das instituições educacionais. No entanto, esta disciplina se propõe pesquisar sobre a natureza da família e suas transformações, através do tempo, o valor social e limites estabelecidos por esta antiga instituição. Os argumentos de Paviani, apud Oliveira e Araújo,¹⁸ ajudam na compreensão desta área de conhecimento no campo educacional:

Com a perda da evidência das relações entre a filosofia e a educação, a disciplina filosofia da educação adquiriu função própria e paulatinamente tornou-se o elo entre os dois mundos. A redução da filosofia a filosofia da educação fez com que essa disciplina se tornasse um reduto de conteúdo, dentro de uma determinada concepção filosófica. Então, nos compêndio, via de regra, a filosofia da educação é classificada, conforme as tendências, de metafísica, de humanidade, de analítica, de fenomenológica, de hermenêutica, de dialética, de marxista, de crítica e de outras denominações. Na disciplina filosofia da educação (aliás, como ocorre em geral com as filosofias do direito, da cultura, da linguagem, etc.), a educação é vista a partir de uma perspectiva externa.

¹⁵ SAVIANI, Demerval. *Contribuições da filosofia para a educação*. Em aberto, Brasília, ano 9, n.45, p.7, jan./mar. 1990.

¹⁶ CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1997, p.15.

¹⁷ CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. TEODÓSIO, Hosiene Araújo. *As interfaces entre Filosofia e Pedagogia*. V Congresso Internacional da Filosofia da Educação, Caxias do Sul – RS, 2010, p.5.

¹⁸ CABRAL e TEODÓSIO, 2010, (Paviani, 2008), p6.

Compondo o rol das áreas de estudo do citado curso, está a História da Educação. Esta é uma área de estudo que permite ao discente compreender a evolução e os processos de mudança, que conduziram a educação até os dias de hoje. Para Marcondes¹⁹, “a modernidade se caracteriza por uma ruptura com a tradição que leva a busca, no sujeito pensante, de um novo ponto de partida alternativo para a construção e a justificação do conhecimento. O indivíduo será, portanto, a base deste novo sistema de pensamento”.

Os fatos históricos sempre acompanharam as transformações sociais e, influenciaram nos processos educacionais. Compreender estes processos, bem como, as modificações sociais advindas de várias épocas até a presença dos recursos tecnológicos, que conectam as informações de forma globalizada, gera reflexão nos pedagogos sobre suas ações educacionais. Segundo Cury²⁰, nós “Somos criadores e vítimas do sistema social que valoriza o ter e não o ser, a estética e não o conteúdo, o consumo e não as ideias.” Uma das especificidades da História da Educação é manter os movimentos presentes, sem perder o contato com os fatos históricos que transformaram as ações educacionais na sociedade. Saviani²¹ especifica esta questão:

Embora presente em sua prática cotidiana, tende a ser sistematicamente esquecido: que a situação na qual o trabalho educativo se processa, os avanços e recuos, os problemas que os educadores enfrentam são produtos de construções históricas. Nessa condição, sofrem, por um lado, as determinações do passado; mas, por outro lado, assim como a educação anterior foi produto da ação dos que nos precederam, nós, educadores atuais, também temos a prerrogativa de agir sobre o presente e mudar-lhes os rumos.

Conhecer a identidade dos povos, respeitar a diversidade cultural são possibilidades geradas nos estudos da História da Educação. Além disso, “na vida das sociedades, das instituições e das pessoas, a história é parte integrante da tomada de decisões e das reflexões quanto ao presente e o futuro, e é fator de identidade.”²². As inovações nesta área de estudos reúnem pesquisa de gênero, etnia e classes sociais essenciais para que se entendam os complexos caminhos da educação brasileira na atualidade. Segundo Magalhães²³:

¹⁹MARCONDES, D. *A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade*. In: BRANDÃO, Z. (Org.) *A crise dos paradigmas e a educação*. 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 1997, p.20.

²⁰CURY, A. J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, p. 65.

²¹SAVIANI, Demerval. *História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário*. EccoS - Revista Científica, São Paulo, v. 10, n. especial, 2008, p. 152.

²²MAGALHÃES, Justino. *A História das Instituições Educacionais em perspectiva*. In: GATTI JUNIOR, Décio e INACIO FILHO, Geraldo (Org.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p. 98.

²³MAGALHÃES, Justino. *O Ensino de História da Educação*. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de e GATTI JUNIOR, Décio (orgs.). *O Ensino de História da Educação*. Vitória-ES: EDUFES, 2011, p. 187.

Uma via de *humanidade*, essa complexa meta que a sociedade e os sujeitos vão construindo, num jogo de probabilidades futuras do seu próprio presente e num diálogo crítico esclarecido com o passado, a História e, particularmente a História da Educação tem papel determinante. (grifo do autor)

A matriz da História da Educação aproxima-se dos estudos de Antropologia e oportuniza aos estudantes de pedagogia o conhecimento da realidade educacional do país. Para conhecer a sociedade deve-se compreender suas particularidades, seus diferentes e complexos grupos, bem como, “[...] promover mudanças sociais [...] e observar as mazelas que a sociedade atual vem criando: a fome, a miséria, as injustiças sociais, o desrespeito aos mais básicos direitos humanos.”²⁴.

Não menos importante que as áreas citadas, a Didática se apresenta nos currículos dos cursos de Pedagogia. Esta área de estudos se ocupa de técnicas e métodos de ensino e, se destina a colocar em prática os conteúdos, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, recomendados a cada série escolar. Também organiza o ensino, o planejamento de sua ação, formula objetivos educacionais, seleciona conteúdos curriculares, além de apresentar as competências na interação entre o professor e o aluno. Libâneo ²⁵ apresenta a didática com clareza:

A didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional. Essa segurança ou competência profissional é muito importante, mas é insuficiente. Além dos objetivos da disciplina, dos conteúdos, dos métodos e das formas de organização do ensino, é preciso que o professor tenha clareza das finalidades que tem em mente na educação das crianças. A atividade docente tem a ver diretamente com o “para quê educar”, pois a educação se realiza numa sociedade formada por grupos sociais que têm uma visão distinta de finalidades educativas.

O conhecimento ocorre através dos conteúdos e das experiências de aprendizagem propostas pela instituição escolar, transmitido de forma sistematizada. Além dos conhecimentos adquiridos dos livros, a didática se preocupa com a extensão do que é adquirido no contexto escolar. Para Haydt²⁶, “[...] é preciso imprimir no cotidiano das crianças e jovens a vivência de valores essenciais para a sobrevivência da comunidade, como, a cooperação, a justiça, os pontos vitais de cidadania e o valor do trabalho, etc.” No entanto, é

²⁴GADOTTI, M. *Pedagogia da práxis*, 2.^a ed., São Paulo: Cortez, 1998, p.87

²⁵LIBÂNEO, José Carlos. *O Essencial da Didática e o trabalho do professor: em busca de novos caminhos*. Goiânia: 2001, p.2.

²⁶HAYDT, Regina C. *Curso de Didática Geral*. São Paulo, Ed. Ática, 2010, pg.126.

competência da didática considerar, [...] o sujeito, os conteúdos, o contexto e sua organização lógica [...].²⁷

Os desafios promovidos pela Didática na formação dos estudantes se fundamentam tanto na Psicologia, como nas pesquisas experimentais da Biologia, pois, considera o professor, suas ações e a sua relação com o aluno. Haydt,²⁸ considera:

O estudo da dinâmica da aprendizagem é essencial para uma Didática que tem por princípio básico não a passividade, mas sim a atividade da criança. Por isso, podemos afirmar que a Didática é o estudo da situação instrucional, isto é, do processo de ensino e aprendizagem, e nesse sentido ela enfatiza a relação professor – aluno.

A Didática trabalha em parceria com a área de Estágio Supervisionado. Esta relação pode ser vista, no curso de Pedagogia da ESAB, a partir do segundo período, já preparando o estudante para intervir de forma prática nas ações do dia a dia, nas instituições de ensino onde fazem o estágio ou a prática de ensino. A Didática, como disciplina, se encarrega das pesquisas científicas e das produções acadêmicas. O Estágio Supervisionado prepara para a prática diária nas várias etapas da educação básica como, a Educação Infantil e o Ensino Fundamental em seus primeiros anos. A prática é essencial na formação do pedagogo, pois “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”²⁹, é a experimentação diária do próprio trabalho na educação. Neste contexto, a teoria necessita de reflexão e das ações práticas, pois, o processo de aprendizagem não é simples nem fácil e, não se reduz à memorização ou a repetição. Por isso, o olhar do pedagogo, segundo Larrosa³⁰:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar tempo e espaço.

As áreas de estudo até aqui apresentadas se constituem basicamente no fundamento do curso de Pedagogia, no primeiro período do curso da ESAB. Há uma variedade de áreas que se propõem a desenvolver habilidades e competências no decorrer dos restantes períodos do curso. Algumas das áreas trabalhadas, inserem a pluralidade cultural em seu conteúdo de

²⁷CANDAU, Vera Maria. *Rumo a uma nova didática*. 4ª Edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991, p.32.

²⁸Haydt, Regina C. *Curso de Didática Geral*. São Paulo, Ed. Ática, 2010, pg.13.

²⁹LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: GERALDI, Corinta M. G., RIOLFI, Claudia Rosa e GARCIA, Maria de F. (Orgs.). *Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 116.

³⁰LARROSA, 2004, p.122.

estudos. O curso foi estruturado, segundo o Projeto Pedagógico de Curso ³¹, em [...] princípios filosóficos, crenças e valores ético-educacionais que norteiam as suas ações, [...]. A pluralidade cultural é apresentada e pesquisada em áreas que definem a função da escola, bem como, planejar e organizar as atividades do cotidiano escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais³² apresentam o tema:

A pluralidade cultural existente no Brasil é fruto de um longo processo histórico de inserção entre aspectos políticos e econômicos, no plano nacional e internacional. Esse processo apresenta-se como uma construção cultural brasileira altamente complexa, historicamente definida e redefinida continuamente em termos nacionais, apresentando características regionais e locais. Coexistem aqui culturas singulares, ligadas a identidades de origem de diferentes grupos étnicos e culturais. Essa composição cultural tem se caracterizado por plasticidade e permeabilidade, incorporando em seu cotidiano a criação e recriação das culturas de todos esses povos, sem diluí-las, ao mesmo tempo em que permite seu entrelaçamento. Nesse entrelaçamento de influências recíprocas, configura-se permanente elaboração e redefinição da identidade nacional, em sua complexidade. (BRASIL)

Segundo o Projeto Político Pedagógico de Curso ³³os valores do curso em questão prosseguem destacando³⁴ a:

Consciência de sua responsabilidade social, compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade; Atuação permanente no resgate da cidadania – na formação do cidadão, ser ético e político, consciente de seus direitos e deveres, apto a intervir no processo de desenvolvimento socioeconômico da comunidade em que atua, com uma visão integradora da sociedade e do mundo; Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; Respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Mesmo diante desses valores, vê-se que os alunos do curso de pedagogia da ESAB, quando estão estagiando, recusam a assumir as aulas de Ensino Religioso ou, quando assumem preparam aulas voltadas especificamente para a religião que professam, o que pode conotar uma lacuna no currículo do curso de pedagogia ao não habilitar os alunos para assumir esta disciplina nos termos da legislação vigente. Mesmo em sala de aula do curso de pedagogia, os debates são confusos e sinais de intolerância, quando se trata especificamente de religião, afrontando o ensinamento legal, LDB em seu Artigo 33³⁵:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas do ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

³¹PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB - Curso de Pedagogia Presencial, 2010, p. 16.

³²BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais*, CN, 2001. v. 10, p. 28-29.

³³PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB - Curso de Pedagogia Presencial, 2010, p. 16 e 17.

³⁴PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB - Curso de Pedagogia Presencial, 2010, p. 16 e 17.

³⁵LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Artigo 33, 9394/96.

É neste contexto que se propõe a inclusão de uma nova área de conhecimento a ser inserida nas estruturas curriculares dos cursos de pedagogia, sem pretensão de afastar alunos e professores de seus valores religiosos, mas sim, possibilitar a aquisição de novos conhecimentos deste elemento (a religião) para com transparência, cooperação e respeito a todos permitir novos olhares sobre o homem e seu contato com divindade. A inclusão desta área também não aspira, [...] parecer um retrocesso, pelo menos aos olhos daqueles que acreditam que a laicidade é um progresso fundamental [...] ³⁶, mas de aperfeiçoar a oferta das competências e eficácia no exercício da profissão. O aperfeiçoamento só será possível, por intermédio de uma área curricular que favoreça, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, com um objetivo “reflexão dos aspectos significativos para cada um e para todos que é a finitude do ser humano.” ³⁷ Assim, a inclusão da área (disciplina), denominada aqui de Educação para o Ensino Religioso seria uma conquista acadêmica dos alunos do curso de pedagogia. Segundo Perrenoud ³⁸, as áreas de conhecimento ou:

As disciplinas são construídas, essencialmente, em torno de um corpus de conhecimento, enquanto as educações visam, de forma mais explícita, a um desenvolvimento do aluno, das suas atitudes, dos seus valores, das suas competências e de alguns aspectos da sua identidade, o que, logicamente, exige conhecimentos, mas não se limita a esse tipo de conteúdo.

O Ensino Religioso, nos estudos acadêmicos será auxiliado pelos conhecimentos advindos das demais ciências já estabelecidas. O terreno teórico já existe e a prática dos estudantes é favorecida pelo contato com a diversidade cultural e religiosa na qual atuam. No entanto, precisam aprimorar a “capacidade relacional, agindo com consideração e respeito presentes na ética.” ³⁹ De modo especial, Cortella ⁴⁰ nos apresenta a importância da ética no relacionamento humano:

A ética é, antes de mais nada, a capacidade de proteger a dignidade da vida coletiva. Afinal de contas, nós homens e mulheres, vivemos juntos. E, com isso afirmamos nossa condição de humanos com outros humanos. Aliás, para seres humanos não existe vivência, existe apenas convivência. A nossa humanidade é compartilhada. Ser humano é ser junto. Isso significa que é preciso que saibamos que a nossa convivência exige uma noção especial da nossa igualdade de existência, o que nos obriga a afastar do ponto de partida qualquer forma de arrogância. [...] á ética, entre outras coisas, nos obriga a perceber essa multiplicidade de pontos de vista. O arrogante acha que só tem um ponto de vista que vale: o dele.

³⁶PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver Competências ou Ensinar Saberes? A Escola que prepara para a vida*. Porto Alegre, RS. Penso Editora, 2013, p.129.

³⁷JUNQUEIRA, Sérgio R.A. *Uma Concepção em Construção: O Ensino Religioso em uma perspectiva pedagógica a partir do Artigo 33 da LDB*. Revista de Educação PUC de Campinas, Campinas, nº 21, 2006, p.120.

³⁸PERRENOUD, 2013, p.120.

³⁹TIBA, Içami. *Ensinar Aprendendo. Novos paradigmas na educação*. São Paulo. Integrare Editora, 2006, p.74.

⁴⁰CORTELLA, Mario S. *Qual é a tua obra?* 14ª Edição. São Paulo: Editora Vozes, 2011, p.117 e 118.

Estas reflexões são relevantes para repensar o currículo do curso de Pedagogia. Com tantas mudanças sociais ocorrendo o tempo todo, não há como preparar profissionais para intervir diretamente na construção da cidadania, se não houver o reconhecimento sobre a importância que assume a disciplina de Ensino Religioso na formação dos homens e mulheres na atualidade. Segundo Perrenoud⁴¹, “A ideia de uma educação voltada para o fato religioso indica, claramente, que não se trata apenas de fazer com que as religiões sejam conhecidas como realidades históricas ou contemporâneas, e sim de promover uma espécie de respeito às religiões”. As vivências experimentadas na escola podem construir um mundo mais humano. Este é o desafio que se propõem este trabalho.

1.1 A atuação dos Pedagogos nos Diversos Contextos Sociais

É inegável a necessidade de pedagogos competentes, que atuem de forma eficaz nas instituições educacionais. Consideráveis mudanças sociais, inclusive com a abertura de novos espaços e ambientes educativos, passaram a requisitar deste profissional, novos saberes com o objetivo de atender às várias demandas no meio social. Não se trata mais de um profissional habilitado somente para aplicar métodos e técnicas de ensino e, sim de um agente que atue em processos educacionais mais amplos e globalizantes. Segundo Libâneo⁴²:

[...] a Pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. O pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir das quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa. Nesse entendimento, o fenômeno educativo apresenta-se como expressão de interesses sociais em conflito na sociedade. É por isso que a Pedagogia expressa finalidades sociopolíticas, ou seja, uma direção explícita da ação educativa.

Como profissional que pode e deve atuar nos ambientes formais e em práticas sociais fora do ambiente escolar, mais do que nunca lhe são atribuídas novas exigências, tais como um novo olhar para a responsabilidade de sua profissão no contexto político, ético, econômico, cultural bem como, autonomia intelectual. A base de seu trabalho continua sendo o aporte teórico e, suas práticas adquiridas na formação acadêmica. No entanto, novos

⁴¹PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver Competências ou Ensinar Saberes? A Escola que prepara para a vida*. Porto Alegre, RS. Penso Editora, 2013, p.129.

⁴² LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Que? 9ª*. São Paulo, Editora Cortez, 2007, p. 29.

conhecimentos sobre as transformações sociais devem ser incorporadas para possa guiar o ser humano, objeto de seu trabalho, para um crescimento global. Segundo Libâneo⁴³:

A formação global do ser humano, portanto, continua sendo condição de humanização e tarefa da Pedagogia, em que se inclui certamente o desenvolvimento da razão. Uma racionalidade que resgata a subjetividade, a autonomia da consciência humana, assenta no desenvolvimento das capacidades cognitivas e afetivas de problematização e apreensão da realidade. [...] a formação geral é indispensável para desenvolver capacidades cognitivas e com isso aprenderem a expressar-se, a compreender diferentes contextos da realidade, relativizar certezas, e pensar estrategicamente. Aspectos em que a lógica do mundo técnico-informacional pode ajudar, mas sem subsumir nela todo o processo formativo que implica o crescimento do ser humano, [...].

Para enfrentar estes novos desafios e transformações porque passam a sociedade, agora globalizada, os currículos dos cursos de Pedagogia precisam se adaptar às novas demandas, bem como se faz necessários que as Instituições de Ensino se modernizem do ponto vista da organização acadêmico e formativa.

Novas práticas educativas são solicitadas para a aquisição do conhecimento, que atendam tanto as demandas escolares, quanto as que estão fora dos muros institucionais. A formação do homem é requerida, atualmente, em ambientes que solicitem apropriação de culturas sociais variadas, alcançadas pelo acesso as novas tecnologias. Assim, apropriar-se do conhecimento de diferentes culturas faz diferença na formação atual dos pedagogos. O panorama sobre cultura “[...] envolve conhecimento, informações, valores, crenças, ciências, arte, tecnologia, direito, costumes, tudo enfim que o homem produz em sua transcendência da natureza.”⁴⁴ A ação pedagógica está diante de um novo modelo de educação e, “[...] o conceito ampliado de educação caracteriza-a como prática social, portanto enraizada no contexto geral da sociedade, e inclui como agentes educativos múltiplas instituições e práticas.”⁴⁵ Ao ampliar o processo de educação para além dos muros escolares e, para que a visão do pedagogo também se amplie quanto a sua função social, Libâneo⁴⁶, afirma:

A educação associa-se, pois a processo de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes e valores existentes no meio cultural organizado e, com isso, ganham o patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores etc. É intrínseco ao ato educativo seu caráter de mediação que favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo, sendo que o conteúdo dessa mediação são os saberes e modos de ação.

⁴³ LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Que?* 9ª. São Paulo, Editora Cortez, 2007, p. 191 e 190.

⁴⁴ PARO, Vítor, H. *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 23.

⁴⁵ LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Que?* 9ª. São Paulo, Editora Cortez, 2007, p. 32.

⁴⁶ LIBÂNEO, 2007, p.32.

O pedagogo precisa estar apto para atuar em todos os espaços existentes sejam ele, formais, não formais e informais. A revolução e sofisticação dos meios de comunicação ocorrida nas últimas décadas alerta sobre as necessidades de uma formação que leve em conta os avanços sociais, técnicos, culturais, científicos e humano. Um espaço que hoje necessita da atuação do Pedagogo é a Assessoria na Difusão Cultural e na comunicação de massa. Do ponto de vista de Libâneo⁴⁷:

Há intervenção pedagógica na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos e, também na criação e elaboração de jogos e brinquedos. A mídia atua na modificação de estados mentais e afetivos das pessoas não apenas pela propaganda, mas também disseminando saberes e modo de agir nos campos econômico, político, moral veiculando mensagens educativas, relacionadas com drogas, preservação ambiental, saúde, comportamentos sociais etc.

Os canais educativos, tanto na televisão quanto na internet, cresceram consideravelmente neste século XXI e, a preocupação com a qualidade das produções educativas abriu espaço para a atuação do pedagogo, mesmo sendo ainda pouco explorado.

Os conhecimentos adquiridos durante o tempo de formação no curso conferem ao pedagogo, especificidades para trabalhar com planejamento, orientação, inspeção escolar, coordenação, supervisão de projetos e mediar propostas hierárquicas. Assim, o Pedagogo Empresarial se encaixa neste perfil de transformações ocorridas nos espaços de ensinagem. “Nas empresas, há atividades de supervisão do trabalho, orientação de estagiários, formação profissional em serviço.”⁴⁸ A atuação do pedagogo em ambientes empresariais vincula-se a bases teóricas que reúnem investigação e prática, com metas específicas educacionais que identifiquem problemas profissionais, socioculturais, bem como, de relacionamento que impeçam o colaborador de exercer com qualidade a sua função. Hoje, “as empresas reconhecem a necessidade de formação geral como requisito para o enfrentamento da intelectualização do processo produtivo.”⁴⁹ Nos tempos atuais, tanto o pedagogo quanto as empresas buscam o mesmo propósito: formar homens e mulheres com competência para atuar com criticidade e que entendam os princípios da vivência cidadã. Segundo Cagliari⁵⁰:

[...] O pedagogo empresarial está inserido auxiliando no, desenvolvimento das competências e habilidade de cada indivíduo, para que cada profissional saiba lidar com varias demandas, com incertezas, com várias culturas ao mesmo ao mesmo

⁴⁷ LIBÂNEO, 2007, p.27

⁴⁸ LIBÂNEO, 2007, p.27.

⁴⁹ LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Que?* 9ª. São Paulo, Editora Cortez, 2007, p. 27.

⁵⁰ CAGLIARI, Débora. *O Pedagogo Empresarial e a Atuação na Empresa*. Disponível em <http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogo/index.php?pagina=0>

tempo, direcionando o resultado positivo em um mercado onde a competição gera mais competição.

O destaque do trabalho do Pedagogo Empresarial está voltado, assim, para as atividades que se relacionam com a educação no âmbito das empresas. O desenvolvimento de um projeto pedagógico irá depender de um planejamento e administração eficaz das atividades. Segundo Castanho⁵¹ “Auxiliar no desempenho profissional dos funcionários de uma empresa, preparar novos contratados, motivando-os para o crescimento e a produção, mas estar atento aos momentos de incerteza pelas quais as empresas passam.” As mudanças no perfil profissional despertam nos empresários interesses nas atuações com ênfase no processo educacional. Segundo Libâneo⁵²:

De fato, com a “intelectualização” do processo produtivo, o trabalhador não pode ser mais improvisado. São requeridas novas habilidades, mais capacidade de abstração, de atenção, um comportamento profissional mais flexível. Para tanto, repõe-se a necessidade de formação geral, implicando reavaliação dos processos de aprendizagem, familiarização com os meios de comunicação e com a informática, desenvolvimento de competências comunicativas, de capacidades criativas para análise de situações novas e modificáveis, capacidade de pensar e agir com horizontes mais amplos.

Outro espaço que desperta para a necessidade da ação do pedagogo é o Ambiente Hospitalar tendo em vista que muitas crianças e adolescentes adoecem e, necessitam de atendimento médico hospitalar, com internação, as vezes em ambiente inundado de emoções negativas com forte sentimento de desamparo e, abandono das atividades escolares. Alguns desses pacientes (crianças/adolescentes) logo recebem alta de seus tratamentos, no entanto, algumas demoram a voltar ao convívio familiar e escolar. Há crianças e adolescentes que apresentam quadro de dificuldades de locomoção, imposição de horários para os medicamentos além, dos efeitos colaterais e da indisposição causada por dores generalizadas ou localizadas. Considerando esta realidade o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente,⁵³ afirma o direito da criança de “de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar durante sua

⁵¹CASTANHO, M. I. S.; ARIMA, T. T. *O espaço da educação não formal e os processos de desenvolvimento e aprendizagem: estudo de uma realidade*. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte, 12 a 15 set. 2004.

⁵²LIBÂNEO, 2007, p.28.

⁵³BRASIL. *Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Resolução n° 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/19/95), item 9.

permanência hospitalar”. Segundo o Documento do Ministério da Educação denominado Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar⁵⁴:

Cumpra às classes hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que encontram-se impossibilitados de frequentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral.

O Pedagogo Hospitalar pode e deve trabalhar com a estimulação precoce e sensorial das crianças e adolescentes que se encontram em um leito de Unidade de Terapia Intensiva e semi-intensivo. As atividades lúdicas são bem vindas neste ambiente onde se percebe o lado sombrio da vida. O ambiente para a realização de atividades educativas deve favorecer a recuperação da saúde e também a autoestima. A Secretaria de Educação Especial do Ministério de Educação e Cultura ⁵⁵ definiu um modelo de ambiente para as Classes Hospitalares:

Os ambientes serão projetados com o propósito de favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para crianças, jovem e adulto, no âmbito da educação básica, respeitando suas capacidades e necessidades educacionais especiais e individuais. Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógico [...].

O perfil desejado do pedagogo que trabalha com classes hospitalares é, primeiramente, ser equilibrado emocionalmente, além de apresentar as competências e habilidades próprias do pedagogo adquiridas ao longo de sua formação. Para Mato: ⁵⁶

É importante que o educador cresça em suas habilidades junto a seus alunos, especialmente, no desenvolvimento da sensibilidade, da compreensão e da força de vontade, sobre tudo em dimensões de resistência ao desânimo, agir com paciência e audácia em suas atitudes. Por isso que o educador não pode deixar abater-se em seus esforços no atingimento de suas metas formativas e, de sua tarefa de ajuda, por mais difíceis que possam parecer.

⁵⁴BRASIL. Ministério da Educação. *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.* / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002. (p.13)

⁵⁵BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar.* 2002, p. 15 e 16.

⁵⁶MATOS, Elizete Lucia Moreira. *O desafio do professor universitário na formação do pedagogo para atuação na educação hospitalar.* Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1998. p. 86.

O pedagogo que se propõem a trabalhar na área da Pedagogia Hospitalar deve estar apto para lidar diariamente com a dor, o sofrimento e as perdas, bem como, com o progresso positivo dos tratamentos. Em ambientes agressivos como as Unidades de Terapia Intensiva, as competências do Ensino Religioso podem ajudar o paciente e a família a compreender e a amenizar as dores, bem como buscar superá-la. Não é por acaso que o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente⁵⁷, dispõe que a criança e os adolescente têm: “Direito a receber apoio espiritual/religioso, conforme a prática de sua família.”.

O pedagogo é chamado ainda para atuar em outros espaços onde ocorre o processo de aquisição do conhecimento. O Museu. Ao visitar um museu o cidadão se depara com informações e conhecimentos históricos de diferentes períodos e épocas, com objetos que transmitem informações culturais, políticas, econômicas, religiosas, etc. As diferenças culturais são então apresentadas e apreendidas gerando nos indivíduos indagações e novos conhecimentos. Segundo Leite ⁵⁸, “É no diálogo com o outro e com a sua cultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído cotidianamente”. O trabalho a ser realizado por pedagogos no Museu deve ser em equipe interdisciplinar tendo como objetivo adentrar na compreensão da memória cultural ali presente e fazer sua relação com a atualidade. Segundo os autores Grinspum e Araujo⁵⁹ afirmam “Todos os museus oferecem oportunidades para aprendizagem e entretenimento. A educação é uma das funções centrais dos museus. O gerenciamento eficaz das atividades educativas em museus poderá aumentar e aprimorar essas oportunidades”.

O pedagogo pode atuar também no Sistema Prisional de Educação, cujo objetivos são diferentes daqueles preconizados para a educação de Jovens e Adultos (EJA) ofertados na educação formal, apesar de se tratar de público de mesma idade. O sistema prisional tem como objetivo restringir a liberdade do indivíduo que cometeu um delito. Este sistema, no entanto, não pode somente aprisionar. Precisa criar mecanismos de reeducação dos indivíduos reclusos buscando assim, ressocializa-los, permitindo que, ao cumprirem suas penas, possam novamente viver em sociedade. A ação educacional, através de projetos de formação profissional e acadêmica tanto com educação presencial quanto a distância, passa a ser vista como nova oportunidade de integrar o preso à sociedade. Neste aspecto, o pedagogo tem um

⁵⁷BRASIL. *Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Resolução nº 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/19/95), item 11.

⁵⁸LEITE, Siomara Borba. *A ciência como produção cultural/material*. In: OLIVEIRA, Inês B. de; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes e saberes*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002, p. 23.

⁵⁹GRINSPUM, Denise e ARAUJO, Marcelo Mattos. *Museologia-Roteiros práticos, educação em museus*. 2001 volume 3, p. 17.

papel fundamental a desempenhar. A frequência nas salas de aula do presídio possibilita ao sentenciado a convivência com presos de outros pavilhões e participar de atividades sócio educativas como aulas de música, informática, marcenaria, artesanato, entre outras. No espaço prisional a educação, segundo Melo e Santos, apud Portugues ⁶⁰:

[...] a educação é arrolada como atividade que visa a proporcionar a reabilitação dos indivíduos punidos. Contudo, considerando que os programas da operação penitenciária apresentam-se de forma premente a fim de adaptar os indivíduos as normas, procedimentos e valores do cárcere – afiançando, portanto, aquilo que se tornou o fim precípua da organização penitenciária: a manutenção da ordem interna e o controle da massa carcerária [...]

Nesse contexto, onde a educação exerce o papel de ressocializar os presos, “a principal característica do educador em presídios, é a contradição, é saber lidar com conflitos, saber trabalhar o processo de exclusão.” Gadotti, apud Portugues, ⁶¹, diz que muito mais do que trabalhar o processo educacional, a educação prisional desafia o pedagogo a reinserir o indivíduo na sociedade através da reflexão de suas ações, vislumbrando a transformação e as condições materiais. Segundo Freire:

[...] a primeira condição para que um ser pudesse exercer um ato comprometido era a sua capacidade de atuar e refletir. É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com a finalidade proposta pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser de práxis.

Assim, a relevância de se incluir o Ensino Religioso no currículo do curso de Pedagogia pauta-se em dever considerar os novos ambientes da atuação do pedagogo nos diversos espaços sociais agora estratificados e reconhecidos. Ofertar um conhecimento científico sobre a diversidade religiosa não coloca o Ensino Religioso acima das áreas científicas já ministradas, pelo contrário, torna-o conhecimento a ser disseminado sem amarras e grilhões de grupos religiosos. Com tantas nuances, o curso de pedagogia precisa apropriar-se de todos os conhecimentos relevantes na construção de uma educação libertadora e da cidadania. Gilz, ⁶², apresenta claramente o que se espera com a inserção desta área de conhecimento:

Aprender a arte de dialogar, sem abrir mão das próprias convicções, com mestres que protagonizaram uma leitura religiosa da vida e da destinação humana nesse mundo. Eles [...] foram e continuando sendo arquétipos que remetem para o caminho da transformação, da dignidade e da divinização do ser humano. Sonharam em desinstalar a humanidade para um modo de ser amparado por convicções, crenças, ritos e simbologias capazes de iluminar plenamente o ser humano.

⁶⁰MELLO, Fábio Mansano. SANTOS, Leonardo Moraes. *Reflexões sobre a Educação Escolar no Sistema Prisional*, p.4. PORTUGUES, Manoel Rodrigues. *Educação de adultos presos*. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 360,2001.

⁶¹ MELLO, SANTOS, p.5.

⁶²GILZ, Claudino. *As Prerrogativas do Ensino Religioso como Disciplina na Educação Básica e no Curso de Pedagogia*. Curitiba, Paraná, 2012, p.59.

Neste sentido, entendemos que a inclusão da área do Ensino Religioso no currículo do curso de Pedagogia é uma proposta que vai além do estudo dos temas transversais. A atividade educacional pressupõe conhecimentos que perpassam as leituras e as discussões sobre as diferenças, com o objetivo de aprofundar conceitos como diversidade e tolerância. Segundo Cortella,⁶³ há uma diferença fundamental entre tolerância e acolhimento:

Quando “eu tolero você”, eu até admito que você exista quase que dizendo: você está autorizado a ser como é, mas eu não o valorizo. Enquanto o acolher significa “eu recebo você em mim como um igual. Nessa hora, o acolhimento é anulação da possibilidade de preconceito à medida em que eu vou entender que a diferença é uma riqueza, um benefício e não um malefício.

Há muitas exigências na atualidade que precisam ser conhecidas, para que o pedagogo cumpra com eficácia o seu trabalho nas diversas áreas sociais. Libâneo⁶⁴ afirma que, “Estas exigências requerem habilidades cognitivas, além da capacidade de flexibilidade no raciocínio e percepção para reconhecer as mudanças.” O trabalho educacional tem compromisso com a cidadania e, não há cidadania de fato, sem compreender todo o processo de humanização.

1.2 Competências Necessárias na Formação do Pedagogo

Sob o paradigma de uma visão globalizada dos processos educacionais, surge à necessidade de rever as concepções acadêmicas e, delinear novas perspectivas no campo da Pedagogia. O modelo de sociedade que se almeja está atrelado ao processo de formação dos educadores, bem como, as alterações políticas e econômicas. Além de se comprometer com o ensino dos saberes, os educadores precisam garantir a aquisição de novos conhecimentos a partir dos novos contextos e rumos da história humana além, de se apoderarem dos novo conjunto de valores sociais e saber transitar com eles na sala de aula, sendo mais exemplo, que enciclopédia de significação, sempre respeitando a diversidade cultural e religiosa com as quais trabalham. Perrenoud⁶⁵ afirma que:

Eventualmente, podemos formar químicos, contadores ou técnicos em informática abstraindo as finalidades das empresas que os contratarão. Podemos dizer, um pouco cinicamente, que um bom químico vai continuar sendo um bom químico tanto no caso de fabricar medicamentos ou drogas. Que um bom contador vai saber lavar dinheiro ou aumentar o capital de uma organização humanitária. Que um bom técnico em informática poderá servir tão eficazmente à máfia quanto à justiça. As

⁶³CORTELLA, Mario S. FERRAZ, Janete L. Escola E Preconceito. *Docência, Discência e Decência*. Editora Ática, São Paulo, 2012, p.77.

⁶⁴LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia E Pedagogos Para Que?* 9ª. São Paulo, Editora Cortez, 2007, p.151.

⁶⁵PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica G. MACEDO, Lino. MACHADO Nilson j. ALESSANDRINI Cristina D. *As Competências Para Ensinar No século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação*. Porto Alegre, RS. Artmed Editora, 2002, p. 12 e 13.

finalidades do sistema educacional e as competências dos professores não podem ser dissociadas tão facilmente. Não privilegiamos a mesma figura do professor se desejamos uma escola que desenvolva a autonomia ou o conformismo, a abertura ao mundo ou o nacionalismo, a tolerância ou o desprezo por outras culturas, o gosto pelo risco intelectual ou a busca de certezas, o espírito de pesquisa ou o dogmatismo, o senso de cooperação ou o de competição, a solidariedade ou o individualismo.

É certo em nosso país, que, a maioria dos estudantes que procuram os cursos de “Pedagogia não está entre as melhores notas escolares, diferente de países como a Polônia, Finlândia e Coreia, pois, para ingressar nesse curso o candidato precisa estar entre os 30% das notas mais altas da escola”⁶⁶. A expectativa dos iniciantes de Pedagogia está em se qualificar e deixar uma vida de subempregos, entrando no mercado de trabalho, público ou privado, tendo que trabalhar em dois turnos para alcançar um salário melhor que os anteriormente recebidos. Com as ofertas de preços acessíveis, muitas vezes a qualidade é o que menos importa. Segundo Witter⁶⁷:

Não há como negar, que a preparação profissional da educação no Brasil, fica muito a desejar. Nesse sentido Gatti (2000) se pronuncia denunciando que pouco tem sido feito quanto a qualidade da formação e à carreira dos docentes para auxiliarem na mudança dessa situação. Mas, apesar de todo esse “descaso” com o professor e sua formação, hoje se atribui à escola, na figura do professor, complexas e profundas missões como, por exemplo, a responsabilidade pela transformação da sociedade, ou seja, eliminar as desigualdades sociais.

Ao ingressar no curso superior já é possível perceber as dificuldades dos “novos alunos” com leitura, interpretação e matemática, bem como, a estrutura lógica do raciocínio, que deveria ser a base da formação escolar. De acordo com Vasconcelos⁶⁸:

[...] o domínio da leitura e da escrita deve estar sempre dimensionado para desenvolver múltiplas e diversificadas formas de refletir e de perceber a vida, de se constituir enquanto ser humano historicamente situado, capaz de aprimorar cada vez mais a sua capacidade de atenção, seu senso crítico, ser capaz de efetuar análise e reflexão sobre a realidade, podendo nela interferir de forma mais coerente.

O distanciamento da prática enquanto se conhece a teoria é outra dificuldade enfrentada por muitos alunos do curso de Pedagogia. Algumas instituições, se não a maioria, deixam para o último período do curso as práticas de sala de aula e de gestão. “É preciso combater essa dicotomia e afirmar que a formação é uma só, teoria e prática ao mesmo tempo,

⁶⁶RIPLEY, Amanda. *As crianças mais inteligentes do mundo*. São Paulo, SP, 2014. Citação de Lizia BYDLOWSKY no artigo da Revista Veja – *O mapa do Tesouro*. Edição 2399 - Editora Abril, 12 de novembro de 2014, p. 92.

⁶⁷WITTER, Geraldina P. *Psicologia e Educação, Professor, Ensino e Aprendizagem*. Campinas, SP. Editora Alínea, 2004, p. 81.

⁶⁸MENESES Verídia P.Rosa. Tavares, Helenice M.T. *Novas perspectivas para o Ensino da Leitura, Escrita e Produção de Texto na Educação Básica*. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 269 2010 – catolicaonline.com.br/revistadacatolica

assim como reflexiva, crítica e criadora de identidade”⁶⁹. O certo, e provado, é que o contato com a prática, desde os primeiros semestres do curso, facilita a aquisição de competências específicas do pedagogo, em áreas diversificadas do seu trabalho. Segundo Libâneo⁷⁰:

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim, o campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia.

Um rol de competências pode gerar um profissional eficaz, além disso, Perrenoud⁷¹ defende um perfil para pedagogos que atendam as atuais concepções educacionais:

1. pessoa confiável;
2. mediador intercultural;
3. mediador de uma comunidade educativa;
4. garantia da Lei;
5. organizador de uma vida democrática;
6. transmissor cultural;
7. Intelectual.

No registro da construção de saberes e competências, citaria um professor que fosse:

1. organizador de uma pedagogia construtiva;
2. garantia do sentido dos saberes;
3. criador de situações de aprendizagem;
4. administrador da heterogeneidade;
5. regulador dos processos e percursos de formação.

As mudanças precisam atender as demandas educacionais e a “solução de problemas como carreira, salário, condições de trabalho, formação inicial, capacitação em serviços e prestígio social do magistério”⁷², dependem de posturas firmes. Segundo Perrenoud⁷³ há duas posturas fundamentais:

A prática reflexiva porque, nas sociedades em transformação, a capacidade de inovar, negociar e regular a prática é decisiva. Ela passa por uma reflexão sobre a experiência, favorecendo a construção de novos saberes. A implicação crítica

⁶⁹PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica G. MACEDO, Lino. MACHADO Nilson j. ALESSANDRINI Cristina D. *As Competências Para Ensinar No século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação*. Porto Alegre, RS. Artmed Editora, 2002, p.23.

⁷⁰LIBÂNEO, José C. *Pedagogia E Pedagogos, Para Que?* São Paulo, SP. Editora Cortez, 2007, p.51.

⁷¹PERRENOUD, 2002, p.14.

⁷²COSTA, Antônio Carlos G. *O Professor como Educador. Um Resgate Necessário e Urgente*. Salvador BA. Fundação Luiz Eduardo Magalhães. Secretaria da Educação do Governo da Bahia. 2001 P. 19

⁷³PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica G. MACEDO, Lino. MACHADO Nilson j. ALESSANDRINI Cristina D. *As Competências Para Ensinar No século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação*. Porto Alegre, RS. Artmed Editora, 2002, p. 15.

porque as sociedades precisam que os professores envolvam-se no debate político sobre educação, na escala dos estabelecimentos escolares, das regiões do país. Esse debate não se refere apenas aos desafios corporativos ou sindicais, mas também às finalidades e aos programas escolares, à democratização da cultura, à gestão do sistema educacional, ao lugar dos usuários, etc.

O entendimento da ação do pedagogo sobre as mudanças sociais, pode atribuir valor a sua profissão e, pode “impedir que o fracasso escolar se eternize, inviabilizando o avanço social.”⁷⁴ Esse entendimento deve ser destacado nas ações profissionais do dia a dia dos que atendem a um “público heterogêneo com dificuldades de instrução, acentuadas com os movimentos migratórios, com as transformações familiares e os modos de produção, com a urbanização descontrolada, com as crises econômicas,”⁷⁵. De acordo com Nóvoa⁷⁶, o desenvolvimento profissional:

Significa produzir a profissão docente, por meio de práticas que se centram nas dimensões coletivas. Assim sendo, ocorrerá a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão autônoma na produção dos seus saberes e valores. É necessário que sejam desenvolvidas novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico, no sentido de se superarem as práticas reprodutivistas.

O desenvolvimento profissional depende de competência. E “a competência é o poder de agir com eficácia em uma situação, mobilizando, em tempo real e de modo pertinente, os recursos intelectuais e emocionais”⁷⁷. Contudo, o desenvolvimento da competência, depende de habilidades. “A habilidade “é a qualidade, a capacidade, a destreza,”⁷⁸ que pode ser condensada como o “domínio de uma operação específica, que sozinha não seria suficiente para enfrentar um conjunto de parâmetros a serem seguidos.”⁷⁹

Assim, “as competências são relacionadas a um conjunto de situações, e as habilidades a operação ou esquemas que podem funcionar como recursos a serviço de múltiplas competências.”⁸⁰ Várias competências não necessárias ao desempenho eficaz do trabalho pedagógico e, algumas indispensáveis, como a língua. Segundo Camps e Santasusana⁸¹:

[...] a língua, além de ser objeto de aprendizagem, é instrumento para realizar diversas atividades. Em alguns casos, a língua é primordialmente o instrumento para a elaboração, recopilação e organização dos conhecimentos e para comunicá-los,

⁷⁴ WITTER, Geraldina P. *Psicologia e Educação. Professor, Ensino e Aprendizagem*. Campinas, SP. Editora Alínea. 2004, p.81.

⁷⁵ PERRENOUD, 2002, p.17.

⁷⁶ NÓVOA, A. 1995, apud WITTER, Geraldina P. (Org.) *Psicologia e Educação. Professor, Ensino e Aprendizagem*. Campinas. SP. Editora Alínea, 2004, p. 83,84.

⁷⁷ PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver Competências ou Ensinar Saberes? A escola que prepara para a vida*. São Paulo, SP. Penso Editora, 2013, p.45.

⁷⁸ AURÉLIO. Dicionário online - <http://www.dicionarioaurelio.com/habilidade>

⁷⁹ PERRENOUD, Philippe, 2013, p.49.

⁸⁰ PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver Competências ou Ensinar Saberes? A escola que prepara para a vida*. São Paulo, SP. Penso Editora, 2013, p.49.

⁸¹ CAMPS, Anna. *Propostas didáticas para aprender a escrever*. Porto Alegre, RS. Editora Artmed. 2006, p.47.

oralmente e por escrito. A utilização da língua em tarefas que envolvam pessoalmente os alunos, além dos exercícios de treinamento, não apenas favorece seu interesse como permite que ponha em funcionamento estratégias comunicativas necessárias para desenvolver sua competência sociolinguístico comunicativa.

A competência na língua gera comunicação, tão importante no processo de aprendizagem e na construção de relacionamentos. A comunicação é abrangente e, segundo Queiroz⁸²:

Uma dimensão importante da competência da comunicação é a congruência entre falar, pensar e sentir, pois a grandeza da competência está em conseguir atrair a atenção e o respeito do ouvinte, sinalizando aqui a importância das competências relacionamento intrapessoal e interpessoal.

As mudanças de atitudes dos estudantes auxiliam no desempenho da comunicação. No entanto é preciso “combinar, de forma coerente, os procedimentos básicos tendo como fundamentação a leitura”⁸³ e a produção escrita. Existem outras “atitudes que favorecem a expressão da competência”⁸⁴ na comunicação. Por exemplo, a “autenticidade, a disciplina, o dinamismo e o entusiasmo geram empatia. Ações objetivas, persistentes e seguras, podem estimular os alunos a pró-atividade. Já a sensibilidade, a tolerância e a resiliência, podem desenvolver o respeito.”⁸⁵ Os conhecimentos hermenêuticos devem fazer parte do currículo, já que incluem os “saberes correspondentes às disciplinas em que se recorta o conhecimento socialmente produzido”,⁸⁶ proveniente das diferentes áreas científicas.

A segunda competência nesta análise é a criatividade. Uma das formas de realização do ser humano está na ação criativa e, mesmo sem encontrar um ambiente propício para esta área nas escolas, não há como negar a transformação das civilizações através da criatividade.

Estimular a criatividade é essencial, e “o primeiro estímulo vem da família e a seguir a escola, ambiente coletivo que se estimulado pode desencadear grandes ideias.”⁸⁷ No entanto, as escolas se mantêm resistentes quanto as habilidades criativas, mesmo com a solicitação das empresas e organizações para o desenvolvimento de tais competências.”⁸⁸. Pois se “Reconhecida como uma habilidade prática, a criatividade melhora a autoestima e, a motivação,”⁸⁹ bem como, o sucesso nos empreendimentos escolares. Há necessidade de desenvolver a competência criativa, pois esta promove a formação de uma consciência crítica

⁸²QUEIROZ, Claudio. 2 Claudio. *As Competências das Pessoas*. São Paulo, SP. DVS Editora, 2011, p.36.

⁸³REY, B. 2004, p.236, apud PERRENOUD, 2013, p.48.

⁸⁴QUEIROZ, 2011, p.37.

⁸⁵QUEIROZ, Claudio. *As Competências das Pessoas*. São Paulo, SP. DVS Editora, 2011, p.37.

⁸⁶SAVIANI, D. *Os saberes implicados na formação do educador*. In: BICUDO, Maria A. Silva Junior, Celestino A. (Orgs) *Formação do Educador: dever do Estado, tarefa da Universidade*. São Paulo, SP UNESP 1996, p. 149.

⁸⁷GOLEMAN, D. KAUFMAN, P. RAY, M. *O Espírito Criativo*. São Paulo, SP. Editora Cultrix, 1992.

⁸⁸ALENCAR, E. M. L. S. *Criatividade*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1995, p.99.

⁸⁹LONGATO, Mauro. *Criatividade na Educação, estamos preparados?* 27/01/2013. Consulta: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30172/criatividade-na-educacao-estamos-preparados>

pessoal, coletiva e do ambiente no qual se insere. “A criatividade está presente em diversas dimensões da vida, com destaque para as emoções, o contexto social, intelectual, físico, espiritual, financeiro e familiar.”⁹⁰. As atitudes criativas também são caminhos para se conhecer o aluno em sua dimensão individual. Segundo Queiroz⁹¹:

Na dimensão individual é possível identificar um sentimento de “vítima” e busca de “culpados” para justificar os atos e comportamentos de não ação criativa no dia a dia. Os bloqueios mais comuns na expressão da criatividade são os medos de errar, ser punido e rejeitado. A identidade fortalecida com a vivência de autoconfiança e auto-realização é fundamental na manifestação da criatividade, portanto, sistemas repressores minimizam ou extirpam suas manifestações.

Os “conhecimentos que favorecem a expressão da competência são identificados como a arte de perguntar, a inovação, as fases da criatividade, a intuição e insight, a mudança e a percepção.”⁹² Algumas habilidades “favorecem a expressão da competência e, entre estas se destacam a capacidade de fazer conexão, de selecionar informações e de identificar soluções.”⁹³ No entanto, são necessárias atitudes que favoreçam a competência criativa. O destaque está na autoconfiança, curiosidade, entusiasmo, humildade, persistência, resiliência, responsabilidade, segurança e sensibilidade. Assim, o pedagogo precisa conhecer e entender a cultura artística fora dos ambientes formais. Segundo Martins,⁹⁴ é preciso conhecer a linguagem das artes:

É por meio delas que poderemos compreender o mundo das culturas e o nosso eu particular. Assim mais fronteiras serão ultrapassadas pela compreensão e interpretação das formas sensíveis e subjetivas que compõem a humanidade e sua multiculturalidade, ou seja, o modo de interação entre grupos étnicos e, em sentido amplo, entre culturas.

Ao desenvolver a competência criativa, o pedagogo perceberá que na linguagem das artes há conhecimentos não tão “consagrados pelas belas-artes. Estas são manifestações culturais, com expressões visuais e musicais”⁹⁵ que podem conduzem a pluralidade religiosa e a diversidade cultural.

⁹⁰QUEIROZ, Cláudio. *As Competências das Pessoas*. São Paulo, SP. DVS Editora, 2011, p.39.

⁹¹QUEIROZ, 2011, p. 40.

⁹²QUEIROZ, 2011, p. 40 e 41.

⁹³QUEIROZ, Cláudio. *As Competências das Pessoas*. São Paulo, SP. DVS Editora, 2011, p. 41.

⁹⁴MARTINS, Mirian C. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha T. *Teoria e Prática do Ensino da Arte. A Língua do Mundo*. São Paulo, SP. Editora FTD, 2010, p.13.

⁹⁵MARTINS, Mirian C. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha T. *Teoria e Prática do Ensino da Arte. A Língua do Mundo*. São Paulo, SP. Editora FTD, 2010, p.15.

A competência está presente a maior parte do tempo e, “precisa ser criticamente selecionada para que novos conhecimentos sejam eficazmente adquiridos e atendam tanto ao particular quanto a coletividade”⁹⁶. Segundo Takahashi:⁹⁷

A capacidade de gerar e transmitir informações são a primeira etapa de uma cadeia de produção que se completa com sua aplicação no processo de agregação de valor [...]. Nesse contexto impõem-se para empresas e trabalhadores, o desafio de adquirir a competência necessária para transformar informação em um recurso econômico estratégico, ou seja, o conhecimento.

Alguns conhecimentos são essenciais na expressão das competências da gestão da informação, como por exemplo, “a administração do tempo, a técnica de priorização, a percepção, a técnica de pesquisa, a tomada de decisão e a visão sistêmica.”⁹⁸ Entre as habilidades que favorecem esta competência estão: “a capacidade de análise, a capacidade de fazer conexão, a aptidão para selecionar informações escutando e percebendo o implícito.”⁹⁹ De fato alguns procedimentos, favorecem esta competência. “O entusiasmo, a curiosidade, o dinamismo podem desenvolver a iniciativa. A objetividade, a persistência e a sensibilidade e a disponibilidade e a flexibilidade podem originar a pró-atividade. E finalmente, a disciplina, a iniciativa e a segurança, podem gerar a ética.”¹⁰⁰

A ética é “a parte da filosofia que se dedica a pensar as ações humanas e os seus fundamentos,”¹⁰¹ e é identificada como “instância individual, bem como coletiva.”¹⁰² Contudo, em ambas as instâncias o ser humano se vê diante da construção do relacionamento. Essa construção deve começar com a observação interna de si mesmo, o que se constitui em um relacionamento intrapessoal. De acordo com Queiroz:

O relacionamento intrapessoal é a integração do autoconhecimento, autodomínio e automotivação. Este relacionamento somado ao relacionamento interpessoal resulta no conceito de inteligência emocional divulgado pelo trabalho de Daniel Goleman. O relacionamento intrapessoal é a “base” do interpessoal.

Entender o sentimento do outro, está na percepção de si mesmo. Covey¹⁰³ apresenta alguns elementos que facilitam o aprimoramento do conhecimento intrapessoal:

A *autoconsciência*, isto é a capacidade de refletir sobre a própria vida, aumentar o autoconhecimento e usar esse conhecimento para nos aprimorar e até superar ou

⁹⁶BEHRENS, Marilda A. *Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente*. In: MORAN, José M. et al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo, SP. Editora Papirus, 2000, p. 67-132.

⁹⁷TAKAHASHI, T. (Org.). *Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. 2000, p. 17.

⁹⁸QUEIROZ, 2011, p.48, 49.

⁹⁹QUEIROZ, 2011, p.49.

¹⁰⁰QUEIROZ, Claudio. *As Competências das Pessoas*. São Paulo, SP. DVS Editora, 2011, p.49.

¹⁰¹GALLO, Silvio. *Ética e cidadania – Caminhos da Filosofia*. Campinas SP. Papirus Editora. 2013, p.54.

¹⁰²GALLO, 2013, p.57.

¹⁰³COVEY, Stephen. *O 8º Hábito. Da Eficácia à Grandeza*. São Paulo, SP. Elsevier Editora, 2005, p. 342.

compensar fraquezas; a *motivação pessoal*, que lida com o que realmente empolga as pessoas – a visão, os valores, os objetivos, as esperanças, os desejos e as paixões que formam suas prioridades; a *autorregulação*, ou a capacidade de gerenciar-nos no sentido de atingir nossa visão e nossos valores; a *empatia*, a capacidade de ver como outras pessoas veem e sentem as coisas; a *habilidade de comunicação social*, que lida com a forma como as pessoas resolvem as diferenças, os problemas e chegam a soluções criativas e interagem de modo satisfatório para alcançar seus objetivos comuns.

Esses elementos podem favorecer a expressão da competência no relacionamento intrapessoal, conduzindo ao processo de aprendizagem de si e do outro. Assim, a expressão da competência no relacionamento intrapessoal é favorecida quando há administração de conflitos, valores, bom uso de suas crenças e o feedback. Perceber e refletir sobre as próprias emoções, inteligência emocional, a psicologia positiva e a resiliência podem colaborar nesse processo. A construção da aprendizagem é realizada por interação com o outro e, necessita de habilidades adequadas ao processo. Para Queiroz¹⁰⁴:

As habilidades auxiliam a expressão da competência no relacionamento intrapessoal. A capacidade de lidar com as próprias emoções auxilia o autocontrole. Ao identificar as suas capacidades e as suas fraquezas, o profissional aproveitar os pontos positivos e buscar auxílio para as demandas não tão favoráveis.

A motivação do profissional de educação é necessária, pois ajuda a superar as adversidades com menos tempo e identifica o seu legado. E, isso só é possível com o “produto de uma aprendizagem do conhecimento dos fundamentos da ação humana”.¹⁰⁵

Compreender a função do curso de formação de pedagogos para atuar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, dentro da nova perspectiva da Educação Brasileira é também ressignificar o currículos dos cursos de pedagogia para que possam atender a todas as correntes da formação humana, inclusive a religiosa. Importa salientar que o artigo 33 da LBD prever a presença da disciplina de ensino religioso na educação infantil e ensino fundamental, como obrigação do estado, mas no entanto, o curso de pedagogia como organizado hoje em dia, não forma o pedagogo para atuar com este conhecimento, e o que se assiste é a disciplina de ensino religioso ora sendo eco de doutrinas fundamentalistas do professor e ora, apresentado um conjunto de informações que em nada contribuição para a formação cidadã dos alunos. Neste contexto veremos no próximo capítulo como assumir o desafio de formar professores/pedagogos, no curso de pedagogia, para atuarem com a disciplina de Ensino Religioso na educação Infantil e no Ensino Fundamental.

¹⁰⁴QUEIROZ, 2011, p. 73.

¹⁰⁵PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver Competências ou Ensinar Saberes?* Porto Alegre, RS. Editora Penso, 2013, p.45.

II - O ENSINO RELIGIOSO NO PROCEDESSO DE FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

As disciplinas do curso de Pedagogia têm objetivos diversos, mas uma única finalidade: compreender o ser humano em sua totalidade e assim ajudá-lo em seu processo de conhecimento, crescimento e transformação. No entanto, no momento atual de nossa sociedade outras características surgem e que não são alcançadas pelas disciplinas do curso, exigindo dos estudantes a busca por outros conhecimentos, reflexão e ação sobre o significado dessas mudanças sociais, no contexto de formação da criança e adolescente. Segundo Gilz:¹⁰⁶

As mudanças e transformações em todos os setores da sociedade têm sido fenômenos constantes: instabilidades econômicas, políticas, ambientais etc. Vive-se um tempo de passagem, indefinição, angústias e expectativas: da sociedade que se conhece para a que ainda não se configurou. Constata-se que principalmente o fenômeno da globalização, o jogo de interesses da mídia de massa e até mesmo a apatia de muitos líderes religiosos acabam contribuindo para uma significativa relativização da importância do cultivo da dimensão religiosa do ser humano na atualidade.

A atualidade aponta com frequência nos estudos acadêmicos, para os temas como a diversidade e a pluralidade religiosa. Estes temas apontam para “três aspectos: a pessoa, a realidade social e o transcendente, onde o ponto de partida é o Ensino Religioso na realidade pedagógica escolar.”¹⁰⁷ A melhoria na qualidade das ações pedagógicas nas escolas, depende claramente da formação dos que conduzem esse processo, os pedagogos. Esta formação estará incompleta sem os estudos e as reflexões sobre a transcendência. A transcendência ocorre como um processo e, propõem ir além do comum, além do ordinário, procurando “compreender o sentido da vida, que dá critérios e segurança ao exercício responsável dos valores universais, base da cidadania, processo este que é anterior a qualquer opção religiosa.”¹⁰⁸ Segundo Fernandes:¹⁰⁹

Assim, olhando a nossa realidade escolar percebe-se que a escola sobre tudo a estatal é pluralista por definição, aberta a todos com igualdade de direitos e deveres. Conscientes dessa pluralidade seria “grave erro educativo” adotar o ensino da doutrina seja a católica, a anglicana, a protestante etc., pois consistiria em desrespeito aos demais educandos de outras religiões e, outros que ainda nem professaram a sua fé.

¹⁰⁶GILZ, Claudino. *O Livro Didático e o Ensino Religioso. Escola de Educação e Humanidades*, PUCPR. Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades. 20/21 de agosto de 2012, p.3 em pdf. file:///C:/Users/Ana/Downloads/2jointh-7439.pdf

¹⁰⁷BRANDENBURG, Laude E. *A integração Pedagógica no Ensino Religioso*. São Leopoldo, RS. Editora Sinodal. 2004, p.150.

¹⁰⁸BRUSTOLIN, Leomar A. ANDREOLLA, Jurema. DAL LAGO, Maristela. *Formação de Professores de Ensino Religioso. Uma Inovação da Extensão Universitária*. Porto Alegre RS. <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/inovacaoeigualdade/inovacao/pag7.html>

¹⁰⁹FERNANDES, Madalena. *Afinal o que é Ensino Religioso?* São Paulo, SP. Editora Paulus. 2000, p.32.

O desafio, então, concentra-se na necessidade de formação do pedagogo com condições para ministrar, com eficácia, os conteúdos do Ensino Religioso na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Segundo Brustolin¹¹⁰:

Atualmente, professores de Matemática, Química, Educação Física, História e Filosofia, por exemplo, lecionam Ensino Religioso sem formação específica. Muitos desses profissionais acreditam no valor da Transcendência para a formação humana integral e por isso enfileiram-se nessa tarefa. Outros, para preenchimento de carga horária na escola, assumem o Ensino Religioso sem nenhuma motivação ou preparação. Igualmente, não é o licenciado em Teologia que poderia atender essa demanda, por que os novos PCN supõem um ensino não confessional.

Diante dessa realidade, é no curso de pedagogia que se pode vislumbrar a formação do pedagogo, próxima da realidade desejada e da qualidade necessária na oferta do Ensino Religioso com a percepção de que não “pode tudo, mas pode contribuir por meio de vários encaminhamentos didáticos e pedagógicos,”¹¹¹ tanto no ambiente escolar, como fora dele. Junqueira, apud Gilz¹¹² exemplifica alguns aspectos do trabalho no Ensino Religioso:

Trabalhar a sensibilidade para o coletivo, o religioso; resgatar o sentido da vida e sua sacralidade; educar, cativar e construir o caráter; apresentar razões e motivos para se aderir a uma causa; formar para o discernimento; apontar alternativas com base em princípios esquecidos; ensinar que todos são provenientes de uma mesma origem, congênicos do mesmo mistério divino e assim chamados a viver como irmãos; formar cidadãos capazes de resistir às dinâmicas de desumanização, guerra, violência, preconceito e intolerância.

Os estudos sobre o Ensino Religioso, no campo da Pedagogia, partem da percepção que “os movimentos migratórios fazem da convivência e do confronto entre diversos idiomas e culturas uma realidade cotidiana,”¹¹³ e que é preciso estar “aberto a diversidade cultural”.¹¹⁴ Certamente, este não será um processo fácil, mas este é o caminho que “permitirá compreender que a igualdade e a justiça, na escala mundial, são condições de sobrevivência em médio prazo.”¹¹⁵ A percepção é de que a globalização trouxe muitas mudanças, mas que

¹¹⁰BRUSTOLIN, Leomar A. ANDREOLLA, Jurema. DAL LAGO, Maristela. *Formação de Professores de Ensino Religioso. Uma Inovação da Extensão Universitária*. Porto Alegre RS. <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/inovacaoeigualdade/inovacao/pag7.html>

¹¹¹GILZ, Claudino. *O Livro Didático e o Ensino Religioso. Escola de Educação e Humanidades*, PUCPR. Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades. 20/21 de agosto de 2012, p.4 em pdf. file:///C:/Users/Ana/Downloads/2jointh-7439.pdf

¹¹² GILZ, 2012, p.4

¹¹³ PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver competências ou ensinar saberes?* Porto Alegre, RS. Editora Penso. 2013, p.126.

¹¹⁴ PERRENOUD, 2013, p.126.

¹¹⁵ PERRENOUD, 2013, p.126.

ainda não atingiram todos os setores, como a percepção de convivência e o respeito as diferenças. Segundo Perrenoud:¹¹⁶

Certamente não faltam bons sentimentos e estímulos à tolerância, ao respeito pelo outro, ao diálogo e à solidariedade. Mas, isso não basta perante as atitudes de não aceitação, de desprezo, de segregação e de egoísmo de algumas atitudes de não aceitação, de desprezo, de segregação e de egoísmo de algumas famílias e de parte do mundo adulto. Supondo que a escola seja mais virtuosa do que a sociedade, o que ainda deverá ser comprovado, espera-se que ela faça um trabalho aprofundado para desconstruir estereótipos já sedimentados, para vencer os medos e os sentimentos de superioridade, para permitir que as crianças e adolescentes compreendam que é imprescindível que haja um mínimo de justiça e de solidariedade se não quisermos viver em uma sociedade dual e em um mundo em permanente conflito [...].

Fica evidente então, a necessidade de estudos mais aprofundados e construtivos sobre a diferença entre religião e religiosidade. Se religiosidade é a “dimensão mais profunda da totalidade da vida humana. É a busca da abertura ao transcendente, aquilo que ultrapassa a superfície da vida, o sentido radical da existência. Os maiores inimigos da religiosidade são a alienação e a superficialidade.”¹¹⁷ Isso porque a religiosidade é a “força gregária que nos faz procurar uns aos outros, força esta que une as pessoas com a sensação que precede o conhecimento da mesma.”¹¹⁸ A religião, segundo Tiba¹¹⁹, é uma criação humana:

Pessoas ligadas entre si, com crenças em comum, estabeleceram e organizaram código de ética, valores, hierarquia, rituais e locais cerimoniais com padrões morais próprios e fundaram uma religião, espiritualizando a religiosidade. É uma relação vertical entre a divindade e o ser humano. Assim, a religiosidade precede a religião.

Sendo um ambiente heterogêneo, o curso de Pedagogia deve buscar então aprofundar-se no estudos das religiões e pode e deve favorecer, inicialmente, ao diálogo entre todos os alunos, onde cada um apresenta sua história e compreensão do fenômeno religioso que vivencia, sendo este o ponto essencial de partida para os estudos no Ensino Religioso, mas não o único. É importante ainda levar em conta que algumas atitudes pessoais favorecem tanto a compreensão, como os conhecimentos iniciais desta área, bem como de seu objetivo. A primeira atitude está na “reeducação do olhar, que ocorre no convívio com o diferente.”¹²⁰ Segundo Brandenburg,¹²¹ há dois jeitos de olhar, de dentro para fora e, de fora para dentro e, exemplifica através do ecumenismo:

¹¹⁶PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver competências ou ensinar saberes?* Porto Alegre, RS. Editora Penso. 2013, p.126.

¹¹⁷FERNANDES, Madalena. *Afinal o que é Ensino Religioso?* São Paulo, SP. Editora Paulus. 2000, p.32.

¹¹⁸TIBA, Içami. *Adolescentes; Quem Ama Educa!* São Paulo, SP. Editora Integrare. 2005, p.66.

¹¹⁹TIBA, 2005, p.66.

¹²⁰BRANDENBURG, Laude E. *A integração Pedagógica no Ensino Religioso.* São Leopoldo, RS. Editora Sinodal. 2004, p 154.

¹²¹BRANDENBURG, Laude E. *A integração Pedagógica no Ensino Religioso.* São Leopoldo, RS. Editora Sinodal. 2004, p. 154.

Ecumenismo é exercitar um equilíbrio entre os dois tipos de olhar. Respeito à diversidade religiosa implica olhar a sua casa (confissão religiosa) de fora. É ver que nossa casa é uma entre tantas outras, também importantes. Não vamos deixar de ter a nossa casa, de saber localizá-la de longe, de gostar de estar nela. Mas vamos ver também que várias casas juntas formam o bairro e que cada uma é importante.

Um ponto relevante, para que o Ensino Religioso seja incluído na estrutura curricular do curso de Pedagogia, está na capacitação dos alunos nos conhecimentos das inovações das novas tecnologias de informação e comunicação, as TICS. Estes conhecimentos das tecnologias, utilizados como ferramenta de apoio nas pesquisas do ente religioso a ser conhecido, além de amadurecer o estudante de pedagogia quanto a criticidade na escolha das informações, pode trazer novos elementos e mesmo novas formas de apresentar o tema/assunto para os alunos, dando-lhe mais leveza e prazer em conhecer, o às vezes, desconhecido objeto de estudo e pesquisa. Fernandes¹²² sustenta que:

As novas gerações são portadoras contínuas de novidades. Isto requer do professor de ensino religioso maior capacidade de diálogo e de aproximação e assimilação das novas linguagens e temas. Abrir-se para o novo, porém, não significa ministrar um Ensino Religioso superficial. Ao contrário, é dar-lhe um suporte antropológico de maior profundidade.

O diálogo é parte integrante desse processo e pode promover “a compreensão mútua, dissipando preconceitos, promovendo conhecimentos e apreciação comuns.”¹²³ A aproximação dos estudos sobre diálogo no Ensino Religioso, recaem diretamente sobre as possibilidades interculturais. Nas afirmações de Pfeffer:¹²⁴

A necessidade do diálogo intercultural em um mundo globalizado pode ajudar a confirmar a universalidade dos direitos humanos que servem como norma e limite para outros direitos. Não se deverão permitir diferenças culturais que vão contra estes direitos e contra o bem comum. Por outro lado, as diferenças que enriquecem o acervo cultural como meio humanizador devem ser estimuladas. Os direitos humanos, portanto, devem servir como critério para decidir o que é aceitável ou não em determinada cultura. Neste contexto, os invariantes humanos, encontrados nas diversas culturas, devem se transformar em transculturais garantindo a possibilidade de diálogo.

O diálogo pode ser definido “como a conversa entre duas ou mais pessoas que têm diferentes pontos de vista, objetivando, antes de tudo que cada participante aprenda alguma coisa com o outro, de forma que ele possa mudar e crescer.”¹²⁵ As crianças e os jovens necessitam aprender a abrirem-se para o diálogo e ter posição de escuta quando se trata de

¹²²FERNANDES, Madalena. *Afinal o que é Ensino Religioso?* São Paulo, SP. Editora Paulus. 2000, p.41.

¹²³RECONCILIAÇÃO DA CASA. *Diálogo inter-religioso*. <http://www.casadareconciliacao.com.br/dialogo-inter-religioso/>

¹²⁴PFEFFER, Renato S. *Diálogo Inter-religioso e construção da cidadania em um mundo Globalizado: a contribuição do sincretismo religioso brasileiro*. Belo Horizonte, MG. IBMEC-MG e FUMEC.

¹²⁵ROCHA, Abdruschin S. OLIVEIRA, David M. MARLOW, Sérgio L. *Ciências das Religiões. Espiritualidades Contemporâneas*. Vitória ES. Editora Unida. 2013, p.131.

conhecer outras propostas religiosas, pois “os conflitos sociais e os ambientes carregados de dificuldades, perigos ideológicos e morais,”¹²⁶ ameaçam constantemente a sua sobrevivência. As leis de sua sobrevivência são evidenciados em uma “aparência exterior de felicidade, mas que esconde suas culpas, as fraquezas interiores em um contexto de opressão e exploração.”¹²⁷ O Ensino Religioso, nesse contexto, deve ser uma porta para aquisição de novos conhecimentos, de liberdade, respeito proporcionado uma abertura total para o novo.

Ao pensar a Ementa da disciplina do Ensino Religioso torna-se necessário prever as diferentes dimensões na formação do pedagogo: “sensorial, intuitiva, vivencial, além da racional.”¹²⁸ Os informações e os conhecimentos permite ao pedagogo entrar na subjetividade de cada aluno.”¹²⁹ Abordar tendências diferenciadas de forma respeitosa e construtiva exige competência e maturidade. Segundo Brandenburg:¹³⁰

Abordar esse tipo de conhecimento exige maturidade e profundo espírito agregador de diferenças. O problema ocorre quando o conteúdo do Ensino Religioso é entregue como saber pronto, quando são apresentadas verdades oriundas de uma religião institucionalizada sem espaço para reflexão, quando o “conhecimento religioso” ou o conteúdo dessa disciplina é apresentado como um dogma a ser incorporado e não como estímulo para a própria construção discente. É fundamental que a pessoa aprendiz articule o seu pensamento e o construa. Nesse tipo de proposição, existe um ponto de partida (conteúdo ou vivência), mas não há lugar para o dogmático.

O Pedagogo, em seu processo de formação, atuará nos diversos níveis e modalidades da educação e, certamente, iniciará com a Educação Infantil que faz parte da Educação Básica, através dos estágios. Com as crianças ingressando cada vez mais cedo nas escolas, a sua formação individual e coletiva, passa a ser partilhada entre a família e as instituições educacionais. A Legislação se alterou em 2009 com a seguinte Ementa Constitucional:

As crianças brasileiras devem ser matriculadas na educação básica a partir dos quatro anos de idade. Para atender essa obrigatoriedade — a matrícula cabe aos pais e responsáveis —, as redes municipais e estaduais de ensino têm até 2016 para se adequar e acolher alunos de 4 a 17 anos. O fornecimento de transporte, alimentação e material didático também será estendido a todas as etapas da educação básica.

É na Educação Infantil, que as relações sociais começam a ser construídas, e as “crianças até os seis anos vive, segundo Piaget, o estágio do pensamento pré-operatório, com características que devem ser consideradas em todo processo educativo.”¹³¹ Nesse processo,

¹²⁶FERNANDES, Madalena. *Afinal o que é Ensino Religioso?* São Paulo, SP. Editora Paulus. 2000, p.42.

¹²⁷FERNANDES, 2000, p.42.

¹²⁸BRANDENBURG, Laude E. *A integração Pedagógica no Ensino Religioso*. São Leopoldo, RS. Editora Sinodal. 2004, p.137.

¹²⁹BRANDENBURG, 2004, p.137.

¹³⁰BRANDENBURG, 2004, p.137.

¹³¹COORDENADORES DO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO RELIGIOSA (SOR). *Colégio Sagrado Coração de Maria*. Belo Horizonte, MG. Speed Editora. 2003, p. 59.

suas “características vão sendo formadas a partir de constante interação com o meio, entendido como mundo físico e social, que inclui as dimensões interpessoais e culturais.”¹³² No entanto, é importante considerar o “processo evolutivo do desenvolvimento religioso da pessoa humana,”¹³³ nos estudos do Ensino Religioso. Os estágios evolutivos da fé, “entre os quatro e cinco anos, são caracterizados por um sentimento difuso, intuitivo e projetivo.”¹³⁴ Segundo Fowler¹³⁵:

O estágio “um” se inicia quando o pensamento e a linguagem estão no mesmo compasso, no período dos três aos cinco anos caracterizados de [...] fase fantasiosa e imitativa na qual a criança pode ser influenciada de modo poderoso e permanente; por exemplo, temperamentos, ações e estórias da fé visível dos adultos com as quais ela mantém relacionamentos primários.

A integração social na Educação Infantil é rica de novidade e, as experiências acontecem a todo o momento. A existência de fenômenos naturais como o dia e a noite, o vento e a chuva, o arco-íris, os astros e estrelas, apresentam as crianças algo sublime, mas fora do seu alcance, compreensão e domínio. As crianças são singelas, sem preconceito e, ávidas por conhecer e desvendar a vida e a natureza, porta eficaz para os estudos e agregação de conhecimentos do Ensino Religioso nesta fase da vida. Segundo o SOR¹³⁶:

Na Educação Infantil é necessário explorar constantemente valores da vida, como a alegria, a espontaneidade, as manifestações afetivas, o respeito ao outro e a capacidade de se maravilhar diante dos fenômenos da natureza. Os gestos afetivos na acolhida e o aconchego, as experiências significativas da vida comunitária, devem ser incentivados e valorizados, pois predispõem a criança a acolher a vida, o amor e alegria, caminho para a transcendência.

É perceptível o valor do Ensino Religioso no contexto acadêmico, pois o mesmo apresenta aos estudantes, quando ministrado de forma coerente com o que se propõe, um modo diferente de se preparar para “um convívio solidário que beneficiará”¹³⁷ a diversidade e a pluralidade religiosa, sem proselitismo. Segundo Brandenburg,¹³⁸

O Ensino Religioso trabalha as relações: a) da pessoa consigo mesma – o seu lugar no mundo, suas buscas, inquietações e sentido da vida, b) com outras pessoas – o diálogo, o respeito às particularidades de cada ser humano, a ética, c) com o transcendente – com o que está fora de nós, o divino, nossa dimensão religiosa.

¹³²REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2008, p. 95.

¹³³COORDENADORES DO SOR, 2003, p. 59.

¹³⁴COORDENADORES DO SOR, 2003, p. 59.

¹³⁵FOWLER, J. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo RG. Editora Sinodal. 1992, p. 116.

¹³⁶COORDENADORES DO SOR, 2003, p. 60.

¹³⁷BRANDENBURG, Laude E. *A Interação Pedagógica No Ensino Religioso*. São Leopoldo, RS. Editora Sinodal. 2004, p.149.

¹³⁸BRANDENBURG, 2004, p. 150.

Cabe às equipes do Núcleo Docente Estruturante – NDE, dos cursos de Pedagogia, estar atenta quanto aos temas, para que estes não se repitam com a mesma percepção que em outras áreas científicas do curso. O exemplo está no termo “cultura”. Os alunos conhecerão este termo, em disciplinas como Sociologia ou Filosofia da Educação. Estas disciplinas colocam a cultura como: “uma perspectiva compartilhada, um conjunto de ideias que as pessoas desenvolvem e aprendem na interação social.”¹³⁹ A definição de cultura é apresentada como “verdades, valores, objetivos e regras compartilhadas por um povo.”¹⁴⁰ No entanto, não é competência dessas disciplinas se aprofundar, por exemplo, na “verdade” com o olhar reflexivo comum do Ensino Religioso. Segundo Charon:¹⁴¹

Uma cultura é acima de tudo, um conjunto de ideias sobre o que é verdadeiro ou real. Não há consenso entre todos sobre o que é verdadeiro no mundo. Cada organização social, cada comunidade, cada organização formal, cada grupo ou diáde desenvolve uma cultura que contém um conjunto de verdades. Compartilhamos verdades ao interagir, e as pessoas com quem não interagimos, possuem verdades que não aprendemos, geralmente não entendemos e raramente acreditamos.

Compete ao Ensino Religioso ressaltar o valor humano. “Um valor é um compromisso de longo prazo definido pela organização ou pelo indivíduo. Na maioria das situações, a escolha depende do compromisso que se tem com valores.”¹⁴² Os valores são ações que podem mudar o indivíduo e a sociedade, mas só quando “refletem verdadeiramente o que se faz, e não o que se diz.”¹⁴³

¹³⁹CHARON, Joel M. VIGILANT, Lee G. *Sociologia*. São Paulo, SP. Editora Saraiva. 2013, p. 115.

¹⁴⁰CHARON, 2013, p.115.

¹⁴¹CHARON, 2013, p.115.

¹⁴²CHARON, 2013, p.117.

¹⁴³CHARON, 2013, p.119.

2.1 - Os Níveis de Ensino e Atuação do Pedagogo

A aprendizagem é processo que acompanha o ser humano durante toda a sua vida e se inicia na instituição familiar. “As primeiras noções sobre a convivência humana, bem como o equilíbrio de seus impulsos são estabelecidos no lar.”¹⁴⁴ Ao ingressar na instituição educacional, a criança leva “consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar será uma peça fundamental em seu desenvolvimento”¹⁴⁵ social. É no ambiente escolar que as crianças iniciam a efetivação de sua cidadania, adquirem conhecimentos, além de desenvolverem competências e habilidades para a futura qualificação profissional e como empreendedor.

A Educação brasileira se “compõe por níveis assim organizados: I - Educação Básica, formada pela educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. II - Educação Superior”¹⁴⁶. Os cursos de Pedagogia, de nível superior, habilitam os estudantes para “compreender os processos formativos que ocorrem no meio social, no qual o indivíduo está envolvido pelo simples fato de viver em sociedade.”¹⁴⁷, ou seja, qualifica-o para dar aula nos primeiros níveis da educação básica. Segundo o Conselho Nacional de Educação¹⁴⁸:

O curso de Licenciatura em pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não escolares; III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não escolares.

A Educação Infantil, primeira fase da Educação Básica, “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”¹⁴⁹ O Ensino Fundamental obrigatório, gratuito (nas escolas públicas), atende crianças a partir dos 6

¹⁴⁴RAMOS, Zaíra L. *Conhecimentos Pedagógicos*. Brasília. Editora Vestcon. 2012, p.115.

¹⁴⁵RAMOS, 2012, 115.

¹⁴⁶BRANDÃO, Carlos da F. *LDB Passo a Passo. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96 – Comentada e Interpretada*. São Paulo, SP. Editora Avercamp. 2007, p.63.

¹⁴⁷RAMOS, Zaíra L. *Conhecimentos Pedagógicos*. Brasília, Brasil. Editora Vestcon. 2012, p.17

¹⁴⁸CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2005, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia*. Parecer 3/2006.

¹⁴⁹LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

anos de idade e tem como objetivo a formação básica do cidadão. Para isso, segundo Brandão¹⁵⁰ é necessário:

- “I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.”

Com a reformulação da lei da educação nacional o ensino fundamental teve aumentado seu tempo de duração e foi ampliado “para nove anos, tornando obrigatório o ingresso das crianças aos seis anos de idade no Ensino Fundamental.”¹⁵¹ Neste sentido, o processo de aprendizagem no “Ensino Fundamental tem a duração de nove anos, e compreende a faixa etária entre os 6 e os 14 anos de idade.”¹⁵² Organizado por idade, parece inicialmente que o processo educacional está dividido e dissociado uns dos outros, no entanto, Kramer¹⁵³, afirma:

A Educação Infantil e o Ensino Fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimento e afetos; saberes e valores; cuidado e atenção; seriedade e riso. O cuidado, a atenção, e o acolhimento estão presentes na Educação Infantil, a alegria e a brincadeira também. E, nas práticas realizadas as crianças aprendem. Elas gostam de aprender. Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos.

Já o Ensino Médio tem como finalidade a formação do cidadão, preparação para o trabalho e, preparação para continuação dos estudos, sejam estes nas Universidades ou em Escolas Técnicas. É um período composto de “três anos sequenciais que evidenciam as competências e habilidades em suas áreas curriculares: Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas e Tecnologias.”¹⁵⁴

As Modalidades de Ensino são formas que servem para diversificar o acesso a educação e atender as pessoas em suas necessidades e interesses. A Educação de Jovens e Adultos é a Modalidade de Ensino “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.”¹⁵⁵ Esta Modalidade inclui ainda

¹⁵⁰BRANDÃO, Carlos da F. *LDB Passo a Passo. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n° 9394/96 Comentada e Interpretada*. São Paulo, SP. Editora Avercamp.2007, p.85.

¹⁵¹RESOLUÇÃO CNE/CEB n° 3/2005, de 3 de agosto de 2005: *Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração*. Parecer CNE/CEB n° 18/2005, de 15 de setembro de 2005.

¹⁵²BRANDÃO, p.86

¹⁵³KRAMER, Sonia. *As Crianças de 0 A 6 Anos Nas Políticas Educacionais No Brasil: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Campinas, SP. 2006, p.14 em pdf. <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a09v2796.pdf>

¹⁵⁴PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – *Ensino Médio*. Brasília. 2000.

¹⁵⁵BRANDÃO, Carlos da F. *LDB Passo a Passo. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n° 9394/96 Comentada e Interpretada*. São Paulo, SP. Editora Avercamp.2007, p.98.

“as pessoas que estão em situação de privação da liberdade,”¹⁵⁶ e requer uma metodologia pedagógica apropriada além de “dependências com áreas e serviços destinados a dar assistência, educação, trabalho, recreação e prática esportiva”.¹⁵⁷ Além disso, serão “instaladas salas de aulas destinadas a cursos do Ensino Básico e Profissionalizante”.¹⁵⁸

São contempladas ainda como Modalidades A Educação Indígena, a Educação Especial, a Educação do Campo, a Educação Profissional e a Educação a Distância.

Ao definir a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) como primeira parte da educação brasileira, quis a nova LDB, assegurar que esse nível de ensino fosse acessível a todos os cidadãos Brasileiros e, ao mesmo tempo, garantir que os processos de ensino e aprendizagem levassem em consideração a formação para a cidadania e bem estar de todos, sendo esta uma obrigação do estado e da família. Além dessa definição, vimos se estender cada vez mais a necessidade de pedagogos e professores que atuem em ambientes que não seja escolar, tais como, hospitais, museus, penitenciárias e outras, mas sempre na mesma perspectiva de formar cidadãos com consciência de seu papel social.

Se coube ao estado garantir, através de Lei que modifica a LDB, a disciplina de Ensino Religioso na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (1º. ao 9º. ano), de forma obrigatória para as escolas e, optativas para os alunos, cabe a ele também garantir a formação de pedagogos e professores com capacidade para lecionar esta disciplina sem que seja uma catequização ou um “enrolar os alunos” para o cumprimento de uma carga horária, dando nessas aulas conteúdos que nada acresce à formação dos alunos. Nesta perspectiva, o curso de Pedagogia ainda não está organizado de forma a preparar docentes para atuarem de forma pragmática e acadêmica nesta disciplina, o que indica a necessidade de uma modificação das estruturas curriculares do curso de pedagogia.

Diante deste desafio, o próximo capítulo deste estudo, se propõe a indicar alguns caminhos através das festas e das músicas, que poderão servir de apoio na organização das aulas de ensino religioso, levando em conta a diversidade de religião vivenciada pelos alunos, sejam eles da educação infantil e ensino fundamental. Não se trata de conteúdo organizado e pronto a ser repassado nas aulas, mas indicações de temas (festas e músicas) que deverão ser aprofundadas pelos pedagogos e professores para então, elaborarem suas aulas de acordo com a legislação e, o objetivo geral do ensino que é de formar cidadãos.

¹⁵⁶CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 19 DE MAIO DE 2010.

¹⁵⁷DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. LEI DE EXECUÇÕES PENAIS - LEP – Lei 7.210/1984 – p.15.

¹⁵⁸DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Incluído pela Lei nº 12.245 de 2010, p. 15.

III - O ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

3.1 O Ensino Religioso e o Ensino Fundamental

O Ensino Religioso tem como objetivo ampliar os conhecimentos adquiridos na Educação Infantil, sobre os valores humanos e, estender os estudos às diferentes manifestações do sagrado na sociedade, onde o aluno está inserido. Cada criança traz consigo uma experiência diferente quanto ao entendimento de religião, que tem origem no ambiente familiar e segundo Pereira:

As famílias das crianças têm diferentes formas de relação com o sagrado, acreditam em deuses diferentes e professam religiões diferentes ou nenhuma religião. Sobretudo, são negros ou brancos ou orientais ou indígenas que ao atravessar o portão da escola, não deixam suas diferenças do lado de fora. É certo que dentro da escola tornam-se estudantes, uma categoria que nos diz muitas coisas e que pode esconder outras tantas que são constitutivas de suas identidades.

Cada um tem uma experiência religiosa diferente assim, ao se aproximar de outras e diferentes religiões buscando conhecê-las, sem os pré-conceitos, poderá construir uma compreensão necessária valorizando e respeitando a diversidade. Ao se aprofundar no estudo de outras religiões, os estudantes podem abrir seus questionamentos sobre cultura, etnia e tradições religiosas e gerar reflexões de grande valia, quanto às desigualdades raciais que ainda prevalecem nas escolas. Mesmo afirmando igualdade, segundo Pereira¹⁵⁹:

A escola vem há anos se debatendo com o desafio de lidar com a diversidade que existe no seu interior. Estudantes têm diferentes ritmos e estratégias de aprendizagem, expectativas, medos, sonhos, culturas e hábitos. Estão em diferentes idades de formação, o que significa que tem diferentes estágios de desenvolvimento humano, se entendermos o tempo/idade com a dimensão formadora que tem.

As desigualdades tem seu vínculo no processo de socialização estabelecido pela maioria e, nas escolas não é diferente. Como os pedagogos e profissionais da educação não são preparados para trabalhar com as diferenças, acabam reunindo os que se aproximam de suas características e, deixam mais afastados os que apresentam certas diferenças. Os professores afirmam que “todos os estudantes são iguais, mas na prática, parece que existem os que são mais iguais do que os outros.”¹⁶⁰ As crianças que se aproximam do “modelo socialmente eleito como bom, bonito e viável, tendem a receber tratamento mais cuidadoso no

¹⁵⁹PEREIRA, Rosa V. *Aprendendo Valores Étnicos na Escola*. Belo Horizonte, MG. Editora Autêntica. 2009, p.25.

¹⁶⁰PEREIRA, 2009, p. 24.

ambiente escolar, o que reflete positivamente em sua trajetória acadêmica.”¹⁶¹ É certo que as diferenças, inicialmente causam estranheza, no entanto, isso não é um problema. O “problema é quando a partir da forma como a pessoa vê o mundo, ela cria modelos mentais e os reproduz como se fossem verdades absolutas.”¹⁶² Assim, é possível que as pessoas vão se “tornando intolerantes em relação a religião do outro, pois ao receberem informações distorcidas, constroem modelos mentais pré-concebido,”¹⁶³ que, com certeza, não condizem com a realidade. “Os modelos mentais são pressupostos profundamente arraigados, generalizações, ilustrações, imagens ou histórias que influenciam as nossas maneiras de compreender o mundo e nele agir”¹⁶⁴ Pereira¹⁶⁵ define modelos mentais com simplicidade:

Modelos mentais são óculos que usamos para ver o mundo que nos cerca e não correspondem, necessariamente, à realidade, mas informam nossas escolhas, opiniões, nossos conceitos e “pré-conceitos” a respeito das pessoas e de dos comportamentos. Para pensar e trabalhar pela igualdade, precisamos exercitar a troca de nossas “lentes internas”, descobrir com que óculos olhamos para as diferenças das pessoas.

O Ensino Religioso ao introduzir em sua proposta atividades de pesquisas, questionadoras e reflexivas, pode contribuir para ajustar melhor os modelos mentais. Se, os valores humanos forem redescobertos, analisados, desenvolvidos e aplicados, com a as crianças desde a Educação Infantil e agora com alteração da Legislação, com os primeiros anos do Ensino Fundamental, poderá haver uma intervenção gradativa nos conflitos escolares que poderão refletir positivamente, no futuramente na sociedade. Como a ação é educativa, antes de tudo é “preciso estabelecer regras com os alunos, pois são eles o sujeito deste processo.”¹⁶⁶ Os pedagogos também precisam estar atentos as regras e cumpri-las, além de proporcionar um ambiente facilitador com o direito a voz de cada criança. Segundo Pereira¹⁶⁷:

Em um ambiente em que existam regras claras de comportamento; em que os alunos entendam os motivos pelos quais determinados assuntos vai ser tratado; um ambiente em que alunos possam se expor de maneira segura, tendo garantido o seu direito à voz, a opinião e principalmente, sentimentos oriundos de situações de discriminação, sem que isso seja motivo de riso ou piadas.

Organizado o ambiente da sala de aula e, mesmo da escola é preciso estar atento aos conteúdos curriculares que serão trabalhados. Estes devem ter como objetivo, a contribuição para o conhecimento das diversas religiões que compõe o universo dos alunos da sala de aula, da sociedade local e nacional e da sociedade já globalizada, buscando assim superar o

¹⁶¹PEREIRA, Rosa V. *Aprendendo Valores Éticos na Escola*. Belo Horizonte, MG. Editora Autêntica. 2009, 24.

¹⁶²PEREIRA, 2009, p.36.

¹⁶³PEREIRA, 2009, p.36.

¹⁶⁴SENGE, P.M. *A Quinta Disciplina*. São Paulo, SP. Editora Best Seller. 1990, p.27.

¹⁶⁵PEREIRA, 2009, p.37.

¹⁶⁶PEREIRA, 2009, p.69.

¹⁶⁷PEREIRA, 2009, p.70.

preconceito existente em relação à religião do outro. As ações do Ensino Religioso devem evitar “quaisquer formas de proselitismo, bem como a discriminação de qualquer expressão do sagrado”.¹⁶⁸ Os conteúdos merecem atenção para que cumpra o seu real objetivo e por isso, devem estar sempre próximos do desenvolvimento cognitivo da criança. Como a proposta da Educação Infantil se estende até os primeiros anos do Ensino Fundamental, ou seja, aos 7 anos de idade, o próximo estágio a ser observado é o das operações concretas. De acordo com Wadsworth¹⁶⁹:

O pensamento pré-operacional era dominado pelo egocentrismo, por sua incapacidade de assumir os pontos de vista e pela ausência da necessidade de buscar validação para os seus próprios pensamentos. Neste aspecto, o pensamento da criança operacional concreta não é egocêntrico. Ela tem consciência de que os outros podem chegar a conclusões que são diferentes das suas e, como consequência, com maior probabilidade vai em busca de validação para os seus pensamentos. Nesse sentido a criança operacional concreta está livre do egocentrismo do período anterior.

A partir da interação social das próprias crianças, é possível iniciar a “compreensão sobre a diversidade como uma realidade essencial e o respeito às diferenças,”¹⁷⁰ que é base na formação de comunidades equilibradas e democráticas. Quanto à proposta das aulas de Ensino Religioso, estas devem começar com a apresentação dos lugares sagrados, pois, são concretos, visíveis e ajudará aos pequenos a localizarem os templos, igrejas e outros prédios que são destinados a culto religioso em sua cidade e mesmo em outros países. Isso porque os “lugares sagrados compõem a dimensão da materialidade do sagrado, reunindo aspectos físicos que orientam a paisagem religiosa.”¹⁷¹ Cada ambiente na sociedade tem uma especificidade, que pode ser compreendida pelas crianças, desde que apresentados os objetivos de cada um. “Os lugares sagrados são considerados especiais, pois são ambientes onde as pessoas realizam práticas de cunho religioso e, buscam o desenvolvimento de sua espiritualidade.”¹⁷² Os lugares sagrados variam de acordo com a religião e com a cultura dos povos e podem ilustrar, como exemplos, para a compreensão das crianças. Segundo Biaca¹⁷³:

Há muitas possibilidades de compreensão e de classificação dos lugares sagrados. De maneira sintética, pode-se dizer que se dividem em: lugares construídos pelo ser humano e lugares da natureza. Todas as casas de reza da população indígena, igrejas dos cristãos, mesquitas islâmicas, sinagogas dos judeus, terreiros de candomblé e

¹⁶⁸BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p.16.

¹⁶⁹WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget*. São Paulo, SP. Editora Pioneira. 1993, p.89.

¹⁷⁰BIACA, 2008, p.11.

¹⁷¹BIACA, 2008, p.30.

¹⁷²BIACA, 2008, p.30

¹⁷³BIACA, 2008, p.31.

umbanda, Ashrams e templos hinduístas, entre outros, são exemplos de lugares sagrados construídos pela mão humana.

Para enriquecer ainda mais as aulas de Ensino Religioso os pedagogos podem contar com ferramentas as novas tecnologias da informação e comunicação, com vídeos, documentários e músicas. Os vídeos são formas das crianças poderem visualizar os diversos modelos de templos, igrejas, terreiros, pagodes, mesquitas e tantos outros ambientes sagrados com muito mais fidelidade, gerando maior compreensão e apreensão da mensagem que se quer passar. Pesquisar algumas cidades sagradas, das diversas propostas religiosas, ampliará o processo de conhecimento neste assunto. A cidade de Meca, por exemplo, que fica na Arábia Saudita, é considerada sagrada pelo povo Islâmico, assim como Jerusalém é sagrada para os judeus. Lugares também podem ser considerados sagrados, por exemplo, “aqueles lugares que se encontram na natureza e que para existir não sofreram a intervenção humana. Para os hinduístas o Rio Ganges, que se localiza na Índia, é um rio sagrado no qual as pessoas se banham e realizam suas devoções com o objetivo de receber energia espiritual,”¹⁷⁴. Já na Espanha, há uma das mais “antigas rotas de peregrinação do mundo cristão, o Caminho de Compostela segundo os historiadores. O percurso conta com 700 quilômetros e leva esse nome em homenagem ao padroeiro religioso da Espanha: São Tiago, um dos doze apóstolos de Jesus Cristo.”¹⁷⁵ Os contos e as lendas brasileiras são ricas em detalhes, e podem ilustrar o conhecimento sobre o sagrado como a lenda indígena da Nação Kaingang. Segundo Guilouski¹⁷⁶:

No mundo, há a constante luta entre o Bem e o Mal e, para garantir a vitória do Bem, na primavera, uma bela jovem da aldeia era oferecida para casar com o Mal. Um dia Naipi foi a escolhida, era lindíssima a filha do cacique. Quando os preparativos do casamento iam avançando, Naipi conheceu Tarobá, um valente guerreiro, também muito bonito. Os dois se apaixonaram imediatamente e não puderam controlar esse amor. Fizeram juras de amor e fugiram em uma canoa na véspera da festa do casamento de Naipi com o Mal. Mas o Mal, com todo o seu poder, sabia de tudo e se vingou. Quando os dois estavam descendo pelo rio, felizes em sua canoa, viram o Mal na forma de uma grande serpente, que se retorcia no espaço e se lançava com força no meio do rio. O estrago foi grande, e uma grande cratera se abriu no fundo do rio. As águas todas se precipitaram nessa cratera, inclusive Naipi, Tarobá e a canoa. Foi assim que se formaram as cataratas do rio Iguaçu. O Mal ainda fez mais, transformou Tarobá numa palmeira no alto das quedas e Naipi numa pedra no fundo das águas, na mesma direção de Tarobá. Assim, pensava o Mal, cada um dos dois ficará eternamente a se contemplar sem poder chegar perto um do outro ou trocar um abraço. Porém, a história provou que o Bem sempre triunfa sobre o Mal, pois o amor venceu de alguma forma. Quando o vento minuano vem assobiando do lado sul ele sacode a copa da palmeira e Tarobá

¹⁷⁴BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p.32.

¹⁷⁵BIACA, 2008, p.32.

¹⁷⁶BIACA, 2008, p. 36

aproveita para enviar a Naipi sussurros de amor. Quando chega a primavera, lança flores de seu cacho para saudá-la com ternura. Naipi tem um véu formado pelas águas limpas e brilhantes que lhe adorna a fronte e consola. O arco-íris, de tempos em tempos, une a palmeira com a pedra e este é o momento sagrado da realização do amor dos dois. O fogo eterno da paixão que vive em Tarobá e Naipi se realiza a cada arco-íris que surge.

A cultura Africana também apresenta sua rica influência na constituição do sagrado em Terras brasileiras. Os seguidores do candomblé “honram os seus ancestrais e os seus orixás cuidando e protegendo da natureza.”¹⁷⁷ O lugar sagrado do candomblé é conhecido como terreiro e fica “sob os cuidados de um Babalorixá (sacerdote) homem, ou de uma Yalorixá, (sacerdotisa) mulher. O lugar está sob a proteção de um Orixá, que são elementos de ligação entre os candomblecistas, os seguidores e Oxalá. Os Orixás se relacionam diretamente com as energias da natureza.”¹⁷⁸ No Candomblé os Babalorixás ou as Yalorixás são substituídos por herdeiros. Segundo Biaca¹⁷⁹, os herdeiros:

Assumem automaticamente a chefia do culto, para que o mesmo não seja interrompido. Há uma espécie de “testamento”, que contém uma extensa lista de filhos classificados para a sucessão. Esses filhos, pela rigorosa ordem de classificação de seu nome na lista, serão chamados a ocupar o cargo de cuidadores do terreiro e, uma vez morto àquele que estiver no cargo, será substituído pelo que estiver imediatamente na sequência. [...] nem sempre os parentes, mesmos os mais próximos, são contemplados nesse testamento. Isso ocorre para provar a isenção de ânimo com que são escolhidos os “herdeiros”, levando-se em conta, apenas, seus dotes e qualidades dentro da lei dessa tradição religiosa.

O povo africano chegou ao Brasil depois de viajar em navios, por longos períodos para serem escravizados nas grandes lavouras como de café e cana-de-açúcar. Como os indígenas, foram “subjugados pelo uso da força para garantir o sucesso da dominação.” Como trouxeram uma cultura completamente diferente, bem como as religiões, eram considerados feiticeiros pelos senhores brancos e os capatazes das fazendas. A justificativa era a seguinte de acordo com Pereira¹⁸⁰:

Os portugueses construíram maneiras de ver os indígenas e os africanos que oferecessem aos próprios olhos a explicação necessária para a escravidão: falam línguas diferentes, acreditam em deuses diferentes, lidam de maneira diferente com o corpo, tem modos diferentes de ver a vida; então são bárbaros que precisam ser civilizados a partir do modelo de sociedade existente na Europa.

As religiões não são somente conhecidas pelos espaços sagrados, mas também por textos escritos e pela tradição oral. Os textos sagrados tem a função de manter e transmitir

¹⁷⁷BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p. 37.

¹⁷⁸BIACA, 2008, p. 37.

¹⁷⁹BIACA, 2008, p. 56.

¹⁸⁰PEREIRA, Rosa V. *Aprendendo Valores Étnicos na Escola*. Belo Horizonte, MG. Editora Autêntica. 2009, p. 20.

ensinamentos, vinculados àquela tradição religiosa. Ao apresentar alguns textos sagrados em livros religiosos para as crianças, os pedagogos estarão abrindo a possibilidade de diversificar os conhecimentos da criança e, reafirmando que na “sociedade as pessoas procuram possibilidades de conduzir a vida. Cada uma encontra um meio de fazê-lo, o que deve ser respeitado por todos.”¹⁸¹ A função dos textos sagrados, na perspectiva de Biaca¹⁸²:

[...] os textos sagrados registram os fatos relevantes da tradição/manifestação religiosa: as orações, os sermões, a doutrina, a história, etc. Constituindo, desta feita, o fundamento no substrato social, tanto no cotidiano coletivo como na orientação das práticas religiosas, da crença de seus seguidores. Assim, o que caracteriza um texto como sagrado é o reconhecimento, ainda, de que favorece uma aproximação, uma religação entre os adeptos e o sagrado.

Os textos sagrados orais, também se fazem presentes em várias culturas e, são preservadas para repassar os ensinamentos revividos em diferentes rituais. “Mesmo com o domínio da escrita, algumas dessas culturas preservam o texto oral para que a mensagem divina não perca a sua essência. Assim, as culturas nativas do Brasil, as indígenas, as australianas (aborígenes), e as africanas, preservam os textos sagrados na forma oral.”¹⁸³ Os textos sagrados representam a cultura e os princípios norteadores de uma sociedade organizada e, não deixam de ser “uma construção histórica de um povo, de uma civilização, conforme o juízo crítico de sua forma de vida na concretude da vida terrena.”¹⁸⁴ O conhecimento científico que envolve o estudo das tradições religiosas e, tem suas bases na antropologia e na história, apresentam a seguinte justificativa, segundo Biaca¹⁸⁵:

[...] mesmo sendo inspirado pelo sagrado, o texto é escrito por mãos humanas, e esse humano pensa e reflete a sua cultura, a sua história, o meio social de seu tempo; transmitindo, assim, para o texto sagrado essas expectativas e sentimentos, de modo que se pode identificar uma certa “contaminação” humana na “inspiração divina”. Por isso, ao ler os textos sagrados, muitas pessoas o analisam sob essa ótica: sem esquecer que, no texto sagrado, há também o sentimento humano de seu tempo, de seu contexto histórico e de crítica.

A leitura dos textos sagrados é realizada por algumas das crianças da sala de aula, em ambiente religioso que frequenta e, por isso, não são desconhecidos. No entanto, é imprescindível que os textos sagrados, desconhecidos, sejam apresentados as crianças em um ambiente que desperte a curiosidade. Assim, o pedagogo deve preparar antes desta proposta, um pequeno filme ou um vídeo para ilustrar a apresentação dos textos. Se o primeiro livro a ser apresentado aos estudantes for o Corão, deve ser apresentada também a geografia dos

¹⁸¹BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p. 40.

¹⁸²BIACA, 2008, p.40.

¹⁸³BIACA, 2008, p.41.

¹⁸⁴BIACA, 2008, p.42.

¹⁸⁵BIACA, 2008, p.42.

países que tem o Corão como texto sagrado, pois isso poderá ajudar a criança na aquisição do conhecimento, mudando inclusive as distorções criadas e noticiadas pela mídia de que os muçulmanos são um povo violento. Distinguir a religião de um grupo extremista, mesmo para uma criança, é muito importante. O Corão é apresentado segundo Biaca¹⁸⁶:

É o livro sagrado do Islã. Os muçulmanos acreditam que o Corão é a palavra de Deus revelada ao profeta Mohamed, comumente conhecido como Maomé, em Meca, quando estava meditando. Conta a história que, ao lhe ser revelado um verso da palavra de Deus, ele recitava as palavras exatas e seus seguidores escreviam onde podiam: pergaminhos, pedras e cascas de árvores. Para os muçulmanos, o Sagrado Corão é o mais importante livro de Alá (o Deus, segundo a nomenclatura muçulmana), já que acreditam conter as palavras exatas de Alá.

O Corão, também conhecido como Alcorão (em árabe), tem algumas semelhanças com a Tora, livro judaico e com a Bíblia, livro dos cristãos. “O anjo Gabriel, que avisou Maria de sua gravidez na Bíblia é o mesmo que ditou as palavras sagradas para Maomé, no Corão, além de admitir que Abraão, Moisés e Jesus receberam de fato, mensagens divinas.”¹⁸⁷ Quanto a costumes religiosos, para o muçulmano, “a presença do véu para as mulheres é de suma importância. Este véu, conhecido como hijab, deve cobrir todo o corpo da mulher com exceção do rosto e das mãos. Este costume demonstra submissão a Alá.”¹⁸⁸

O Budismo é uma religião que ganhou espaço entre o povo brasileiro e um dos pontos que chama a atenção é a forma como cuidam do meio ambiente e buscando viver bem, em harmonia e respeito com outro, reduzindo o sofrimento humano. O Budismo “se originou na Índia, quando um jovem príncipe abandonou uma vida de luxo e riqueza, e saiu em busca de um modo de dominar o sofrimento do mundo.”¹⁸⁹ Buda não é visto como uma divindade e o texto sagrado dos budistas é o Páli Tripitakan que segundo Biaca:

é conhecido como o principal Texto Sagrado budista, que significa o “Cesto Triplo” ou “Os Três Cestos da Sabedoria”. Conta a vida de Buda, o “Iluminado”, o príncipe Sidharta Gautama, e reúne seus sermões. Páli é a língua na qual foram escritos os ensinamentos do Buda. Existem também outros livros sagrados, conhecidos como Sutras, com suas parábolas e histórias para explicar os ensinamentos do Buda e para falar de sua vida.

Após um “começo lento na Índia, a fé se espalhou por grande parte do leste e sudeste da Ásia, onde ainda tem enorme influência”¹⁹⁰, por isso que muitos acreditam que o Budismo

¹⁸⁶BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008 p.43.

¹⁸⁷BURGIERMAN, Denis R. CAVALCANTE, Rodrigo. VERGARA Rodrigo. *A Palavra de Deus*. Revista Superinteressante. Novembro, 2001. <http://super.abril.com.br/religiao/palavra-deus-442461.shtml>

¹⁸⁸BIACA, 2008, p.73.

¹⁸⁹WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Zahar. 2008, p.183

¹⁹⁰WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Zahar. 2008, p.187.

tem suas origens no Japão. “Hoje, é crescente o número de pessoas do mundo ocidental que adotou a fê budista.”¹⁹¹

Rica, antiga e exótica é a tradição religiosa da Índia, que “provavelmente surgiu no Vale do Indo, no atual Paquistão, há mais de 3000 anos.” Os hindus têm muitos deuses, no entanto “o deus Krisna é uma das divindades mais populares do hinduísmo.”¹⁹² Os textos sagrados contêm hinos de louvor a muitos deuses e chamam-se Vedas. Segundo Biaca:

Para os hinduístas, religião que nasceu na Índia, há muitos textos sagrados, e, entre tantos, estão estes que contêm preceitos relativos a sua organização social, coletiva e individual. São quatro coleções de hinos, orações e fórmulas mágicas, chamados Vedas ou Escrituras Védicas. O mais antigo e mais sagrado é o Rig Veda, o “Filho do Saber”, com mais de mil hinos. Considerados os mais antigos livros sagrados do mundo, com aproximadamente 4000 anos. Os outros textos hindus de maior importância são as Upanixades e dois outros extensos poemas, o Mahabharata e o Ramayana.

O sistema social de castas, tão questionado na Índia, está vinculado a um ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento. “A doutrina do carma governa este ciclo segundo a qual uma boa vida será recompensada pela reencarnação favorável, ao passo que o pecado, egoísmo ou permissividade levará a pessoa a uma reencarnação inferior na próxima vida.”¹⁹³ Para os hinduístas a vida é sagrada e, eles preservam valores universais, que segundo Wilkinson¹⁹⁴:

Os hindus evitam a violência; muitos, mas não todos, são vegetarianos, e condenam que se abatem animais para a alimentação. A vaca é um animal sagrado e a maioria dos hindus não come carne de vaca ou vitela. A criação dos filhos também é muito importante e, tradicionalmente, os papéis femininos de mãe e dona de casa são muito valorizados. Elas são responsáveis por manter a casa limpa tanto no sentido físico como no religioso; por exemplo, seguindo código de limpeza ritual ao preparar a comida. Em geral, as mulheres da casa zelam pelo culto regular no altar doméstico.

Os Cristãos são os seguidores de Jesus Cristo, cuja mensagem está “contida no Novo Testamento, em especial nos quatro Evangelhos que descrevem sua vida e missão que é de amor e perdão.”¹⁹⁵ O cristianismo afirma que “Jesus é o Filho de Deus e que a salvação virá por Ele se as pessoas se arrependerem de seus pecados e crerem nele”¹⁹⁶. O texto sagrado dos Cristão é a Bíblia. A Bíblia está dividida em duas partes principais, o Velho Testamento e o Novo Testamento. De acordo com Biaca:¹⁹⁷

¹⁹¹ WILKINSON, 2008, p.188.

¹⁹² WILKINSON, 2008, p.160.

¹⁹³ WILKINSON, 2008, p.163

¹⁹⁴ WILKINSON, 2008, p.173.

¹⁹⁵ WILKINSON, 2008, p.85.

¹⁹⁶ WILKINSON, 2008, p.85.

¹⁹⁷ BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p. 45

Os cristãos acreditam que a Bíblia seja o ensinamento de Deus, escrito para orientá-los. A Bíblia inicia com o livro do Gênesis que narra a criação do mundo e termina com o livro do Apocalipse, que narra o fim dos tempos. É formada por uma coleção de vários livros, que hoje são utilizados por católicos e evangélicos, e foram escritos por diversas pessoas e em épocas diferentes. Os livros contêm cartas, mandamentos e histórias sobre as vidas das pessoas.

O Judaísmo é uma religião monoteísta, pois os seus praticantes acreditam em um único Deus. “Para os judeus, Abraão é o pai do Judaísmo. Abraão recebeu de Javé (Deus) uma mensagem que era para sair da casa de seu pai e ir para a terra, a qual Ele Deus, iria lhe mostrar.”¹⁹⁸ A Bíblia narra que a terra onde Abraão deveria ter a sua descendência estabelecida chama-se Canaã. “A descendência de Abraão prosperou, pois, ele e sua esposa Sara tiveram um filho de nome Isaque. Este se casou com Rebeca e tiveram dois filhos: Esaú e Jacó. Jacó teve doze filhos, os quais foram os fundadores das doze tribos de Israel.”¹⁹⁹

Segundo Biaca;

Tanach: é o nome da coleção dos livros que constituem o texto sagrado da religião judaica, dividido em três partes ou seções. Torá (Orientações ou Leis), o Neviim (Profetas) e Kituvim (Escritos). O rolo da Torá é usado com muita reverência e respeito e permanece na sinagoga dentro de um tabernáculo em um local de destaque.

Para o judaísmo a educação é muito importante. Até porque “o judeu precisa ser capaz de ler hebraico para compreender e entender a Torá, bem como precisa de rabinos instruídos para dar continuidade à tradição milenar.”²⁰⁰ Os valores judaicos devem ser aplicados no dia a dia. Segundo Wilkinson:

Deus ordena a seu povo que se case e procrie. Ter uma família é, portanto uma bênção, e os pais são muito respeitados; em contraste com outras religiões, como o cristianismo católico, o judaísmo não atribui valor especial ao celibato. Espera-se dos pais que criem os filhos bem e de acordo com sua fé, ensinando-lhes a religião com sua ética.

Estes são alguns dos conhecimentos que as crianças e adolescentes, na Educação Infantil e Ensino Fundamental podem e devem adquirir para começar a perceber as diferenças e a não interpretá-las como “defeitos”. Este conhecimento inicial sobre as religiões fará toda a diferença na formação das futuras gerações, pois irá definir a forma como se relacionarão com as pessoas ao seu redor que processam fé e credos diferentes, constituindo um processo e exercício prático de aquisição de novos valores, bem como, do conhecimento das religiões que compõem sua comunidade escolar.

¹⁹⁸BIACA, 2008, p. 53.

¹⁹⁹BIACA, 2008, p.53.

²⁰⁰WILKINSON, 2008, p. 75.

3. 2 O Ensino Religioso e as Festas Religiosas

Nos agrupamentos sociais e a sociedade de um modo geral, existem incontáveis eventos organizados com o objetivo do conagração religioso e, de demonstração de fé dos mais diversos segmentos religiosos. E, como somos seres humanos criados para a liberdade e para a alegria, todos querem se confraternizar, alegrar e interagir. Segundo Durkheim²⁰¹:

Toda festa, mesmo que seja puramente leiga em suas origens, possui certas características de cerimônia religiosa, pois tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar massas em movimentos e suscitar assim um estado de efervescência, algumas vezes mesmo em delírio, que não é sem parentesco com o estado religioso.

As festas fazem as pessoas se reunirem para rememorar fatos e acontecimentos importantes, reafirmar “as crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em sociedade no espaço sagrado ou social.”²⁰² Os sentimentos são reanimados, as vezes em tempos não tão fáceis, e para isso as pessoas “apresentam os seus vínculos com o sagrado.”²⁰³ As festas deixam as pessoas em estado de felicidade e as religiões comportam festas exclusivas, como as de casamento, por exemplo. Para se pensar a festa é preciso que haja “um agrupamento de forças na direção da aproximação social dos diferentes grupos, pois são, geralmente, abertas a todos, que tem como elementos comuns, a música e a dança.”²⁰⁴ De acordo com Biaca²⁰⁵:

A música é um dos elementos da festa religiosa e consegue envolver as pessoas provocando nelas uma imensidão de sentimentos: deprime, acalma, excita etc.. É um instrumento poderoso que pode tocar o sentimento humano, amenizando os problemas e sofrimentos. Adentra na alma sua mensagem pela sensibilidade quase que de uma forma sublime, quando ocorre sintonia da mensagem transmitida com as necessidades do espírito humano.

É por isso que a música é importante nos cultos, liturgias e em outras formas de participação coletiva. Cada comunidade religiosa possui uma “grande variedade de festas.”²⁰⁶ Os judeus tem um amplo calendário de festas com dias solenes que relembram a sua história e, enfatizam suas crenças. De acordo com Wilkinson²⁰⁷

²⁰¹DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, SP Editora Martins Fontes. 1996, p.351.

²⁰²BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p. 94.

²⁰³BIACA, 2008, p. 94.

²⁰⁴BIACA, 2008, p.95.

²⁰⁵BIACA, 2008, p.95

²⁰⁶BIACA, 2 Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p.96.

²⁰⁷WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Zahar. 2008, p. 78.

Rosh Hashanah (Ano Novo), os judeus lembram a criação divina e celebram a renovação da aliança de Deus com Israel. Num serviço especial, o shofar (chifre de carneiro) é soprado. Dez dias depois, no Yom Kippur, o solene Dia da Expição, os judeus jejuam e pedem perdão por seus pecados. O Pesach lembra o momento em que Moises, libertou os judeus do cativeiro do Egito. Eles fazem uma refeição comemorativa e leem a história do Êxodo num livro chamado Hagadá.

O Pesach ou Páscoa Judaica, “segue o calendário lunar o que faz a sua data variar anualmente, mas coincide com as datas das celebrações da Páscoa Cristã”²⁰⁸. A festa dura sete dias para quem está em Israel e oito para os que moram fora. A festa relembra a “ideia de Deus passando pelas casas dos judeus e guardando a vida dos primogênitos”²⁰⁹ e a derrota dos egípcios antes da condição do povo pelas mãos de Moisés. Como foi ordenado que os hebreus comessem pão sem fermento e, com ervas amargas na época de sua libertação, a festividade é conhecida como a Festa dos Paes Ázimos. A refeição, segundo O’Donnell, segue uma ordem pré-estabelecida o Sêder:

Há vários alimentos simbólicos á mesa, assim como alimentos comuns. A Pesach bíblica contava com pão não fermentado e cordeiro assado com ervas amargas. Esse costume foi ampliado e inclui ovo cozido, água salgada, charoseth uma mistura de maçã, nozes, vinho e canela e salsa. Todos esses elementos têm significados simbólicos e podem ser mencionados ou usados no Sêder: ovo cozido – vida nova que vem da destruição; água salgada – as lágrimas dos escravos; charoseth – a alegria e a doçura da liberdade; salsa – vida nova e provisões para a jornada dos hebreus.

Outro festival judaico é a Shavout, que “lembra a outorga da Torá no Monte Sinai. Shavout significa Festa das Semanas e, ocorre sete semanas depois da Pesach.”²¹⁰ Também conhecido como Pentecostes, este festival tem “origem em uma festa para celebrar a colheita na estação da primavera. Por isso, até hoje neste festival, as sinagogas são enfeitadas com flores coloridas.”²¹¹

O estado judeu passou por muitas destruições e, sua fé sobreviveu aos acontecimentos mais desafiadores. “No Sec. II a.C. o rei Antíoco impôs a cultura grega e profanou o Templo colocando em seu interior uma estátua de Zeus.”²¹² Mas, o Templo foi purificado e dedicado novamente a veneração de Deus, “sob as ordens de Judas Macabeus. Este festival recebeu o nome de Chanucá, que significa dedicação.”²¹³ Quando ocorreu a purificação do Templo, o castiçal de sete braços conhecido como Menorá, foi trazido de volta, mas só havia óleo para

²⁰⁸O’DONNELL, Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari. 2007, p.111.

²⁰⁹O’DONNELL, 2007, p.111.

²¹⁰O’DONNELL, 2007, p 112.

²¹¹O’DONNELL, Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari. 2007, 2007, p 112.

²¹²O’DONNELL, 2007, p 112.

²¹³O’DONNELL, 2007, p 112.

queimar uma noite. Naquele tempo, encontrar óleo era uma tarefa que levaria oito dias de viagem. “Entretanto, de algum modo o óleo queimou durante esse tempo, ou seja, oito dias. Assim, o Chanucá dura oito dias e os judeus utilizam a Menorá de oito braços e, a cada dia das festividades uma vela é acesa.”²¹⁴ Os judeus comemoram o dia do Perdão, também conhecido como Yom Kipur e, o “festival do Purim que marca o fim da perseguição, na época, da Rainha Ester.”²¹⁵

As religiões africanas também fazem suas festas como parte de sua tradição. No Brasil, em muitos locais onde prevalece a comunidade africana, pode-se acompanhar o calendário festivo desses povos tão festivos. “Algumas festas acontecem no início da primavera. Nessa comemoração, entre danças e músicas alegres, as pessoas pedem um ano abençoado, com boas colheitas e proteção dos perigos.”²¹⁶ Segundo Biaca:

Na tradição Afro, a Festa de Yemanjá é muito divulgada. A comemoração da festa de Iemanjá é originária da África, mais especificamente da Nigéria. Na Nigéria há um rio chamado Yemanjá. Yemanjá seria de Olokum (mar) e a mãe de grande parte dos Orixás. Segundo a crença a cor que a representa é branca. A data que se comemora esta tradição no Brasil é um paralelo a uma festa religiosa cristã, a de Nossa Senhora dos Navegantes. A tradição Afro no Brasil segue muitos paralelos da religião historicamente dominante, a Católica, até como uma forma de se preservar e agradecer, evitando ou amenizando possíveis perseguições de credo.

Os adeptos do Candomblé comemoram a festa de Yemanjá no dia 2 de fevereiro “quando milhares de pessoas se reúnem nas praias do Rio Vermelho, bairro de Salvador na Bahia e, fazem oferendas à Rainha do Mar.”²¹⁷ Esta festa, de origem Africana é a única que não tem a sua origem no sincretismo católico. Yemanjá também é conhecida como Janaina, Inaê e princesa de Aiocá. “Aiocá é o reino das terras misteriosas e da felicidade, imagem dos dias nas florestas da África onde a vida era livre.”²¹⁸

Em Meados do Sec. XVIII, os escravos criaram a coroação de reis e rainhas negros. A festividade então marca a sua “origem na Igreja do Rosário dos Pretos, na cidade de Recife, capital de Pernambuco e é conhecida como Maracatu.”²¹⁹ Há duas variações de Maracatu, a do “Baque virado, que é um cortejo real africano onde o grupo dança sob o som exclusivo da

²¹⁴O'DONNELL Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari. 2007, p 112.

²¹⁵O'DONNELL, 2007, p. 113.

²¹⁶BIACA, 2008, p. 96.

²¹⁷PALLOT, Fernanda, S. *Cultura Afro – Brasil. Festas e Tradições Populares*. Ministério da Cultura. 2001. Disponível: http://afro-latinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=711

²¹⁸BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p.97.

²¹⁹WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Zahar. 2008, p.197.

²¹⁸PALLOT, 2001, p. única.

²¹⁹PALLOT, 2001, p. única

percussão. A outra variação é conhecida como Baque Solto, ou Rural por ser encontrada no interior de Pernambuco, mais especificamente na zona canavieira.”²²⁰

O cortejo aos Reis Congos, uma expressão de confiança aos seus governantes africanos. Como escravos em terras brasileiras, os africanos “deram continuidade ao cortejo ao som de tambores, uma vez que, este instrumento é uma das maiores expressões culturais africanas.”²²¹ Assim, surgiu uma manifestação religiosa e cultural denominada Congado, que “trata basicamente de três temas: a vida de São Benedito, o encontro de Nossa Senhora do Rosário nas águas e a representação da luta de Carlos Magno contra as invasões mouras.”²²² Segundo Paliot²²³, no Congado:

A celebração, a aclamação do santo é animada por meio de danças, com muito batuque de zabumba. Há uma hierarquia em que se destacam o rei, a rainha, os generais e os capitães, divididos em turmas de números variáveis, chamados ternos. Os tipos de ternos variam de acordo com sua função ritual na festa e no cortejo: Moçambiques, Catupés, Marujos, Congos, Vilões e outros.

Os acontecimentos sobre a vida de Buda também são temas de festas ao longo do ano. “As mais importantes marcam o seu nascimento e a sua iluminação.”²²⁴ Os budistas vão aos seus templos levando oferendas para os monges e monjas e, Segundo Wilkinson²²⁵:

O Budismo tem uma rica tradição de festividades, em muitas delas celebrações alegres do Buda ou da difusão de sua crença. O aniversário de Buda, em especial é amplamente festejado. Na tradição teravada, a data costuma ser parte da festa chamada Vesak, que celebra não só o nascimento do mestre, mas também a sua iluminação e morte. Adeptos limpam os templos, fazem oferendas e acendem lanternas para simbolizar a iluminação de Buda.

Para o Budismo, as festas são uma oportunidade de trabalhar juntos, cooperando e também uma oportunidade para a diversão. “Há somente uma festa que se relaciona ao Buda e, talvez porque para o Buda era importante fazer o caminho e não ficar constantemente olhando para trás.”²²⁶ A festa é chamada de Wesak e, acontece na lua cheia durante o mês de maio ocasião onde acontecem procissões coloridas e decorações nos santuários budistas. Como a “festa lembra o seu nascimento e, também a sua iluminação e morte, as casas são decoradas com várias velas, símbolo do caminho iluminado que Buda realizou.”²²⁷

²²⁰PALIOT, Fernanda, S. *Cultura Afro – Brasil. Festas e Tradições Populares*. Ministério da Cultura. 2001. Disponível: http://afro-latinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=711

²²¹PALIOT, 2001, p. única.

²²²PALIOT, 2001, p. única.

²²³PALIOT, 2001, p. única.

²²⁴WILKINSON, 2008, p.197.

²²⁵WILKINSON, 2008, p.197.

²²⁶O’DONNELL, Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari. 2007, p.61.

²²⁷O’DONNELL, 2007, p.61.

O Ano Novo no Budismo também é comemorado, mas varia de país para país e, a data sempre muda. “Na Tailândia o Ano Novo acontece no mês de abril e chama-se Songkran. O símbolo fundamental do dia de Ano Novo é a água, pois além de representar a vida ela purifica.”²²⁸ As pessoas, no ano que se inicia, espirram água umas nas outras e, “salvam peixes de lugares secos para devolvê-los aos rios.”²²⁹ Alguns países, fazem uma comemoração mensal na “época da lua cheia, pois esta simboliza a imagem da iluminação e chamam este pequeno festival de Uposatha.”²³⁰

Quanto às festas “hinduístas, estas reúnem famílias e comunidades para comemorações coletivas. O aniversário dos deuses é comemorado, as mudanças de estação e a época de colheita.”²³¹ Se os hinduístas estiverem fora de sua terra natal, sempre procuram um meio de realizar as suas comemorações. Segundo Wilkinson²³²:

Uma das mais populares festas é Diwali, a festa das luzes em outubro ou novembro, durante a qual as pessoas decoram suas casas, locais de trabalhos e templos com luzes. É um momento de celebrar e renovar, enfeitando e limpando as casas. Diz-se que a deusa Laksmi visita cada uma delas, levando prosperidade e felicidade às que estão bem decoradas. Uma outra festa popular, Holi, tem lugar antes do Ano Novo, em março ou abril. Nela se comemoram a colheita da primavera e a chegada de um novo ano. Nesse período há alguns relaxamento de regras sociais, onde as pessoas se cobrem com pó colorido, brincadeira que outrora praticada por Krisna, cuja imagem é conduzida pelas ruas.

O povo hinduísta comemora o Ano Novo, mas a data geralmente varia entre os meses de março ou abril. As famílias confeccionam uma bandeira com símbolos amarrados para recepcionar o Ano que se aproxima. “Uma haste de bambu na qual se amarram uma vasilha de cozinha, um pouco de açúcar e uma roupa nova são fixadas no batente da porta das casas e, enfeitada com flores frescas.”²³³

Uma celebração marcante é o “Bhrati Dwitiya, dia em que se comemora o dia dos irmãos.”²³⁴. Acontece uma troca de presentes entre os irmãos e “as irmãs esfregam pó de sândalo na testa de seus irmãos e, depois realizam uma oração cantada onde pedem a Deus que poupe o seu irmão de qualquer doença ou morte acidental.”²³⁵ Segundo O’Donnell:²³⁶

²²⁸O’DONNELL, Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari. 2007, p.60.

²²⁹O’DONNELL, 2007, p.61.

²³⁰O’DONNELL, 2007, p.61.

²³¹BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p. 97.

²³²WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Zahar. 2008, p.175.

²³³O’DONNELL, , p. 144.

²³⁴O’DONNELL, 2007, p. 37.

²³⁵O’DONNELL, 2007, p.37.

²³⁶O’DONNELL, 2007, p37.

As irmãs confeccionam um bracelete de barbante para os irmãos, com flores entrelaçadas. Eles usam o bracelete durante uma semana e as irmãs ganham dinheiro. O bracelete lembra a história de Indra, um deus que foi expulso do reino, pelo mau Bali, e Vishnu deu a Indra um fio, que ele atou ao pulso e usou para puxar sua esposa de volta em segurança. Isso o fortaleceu e ele derrotou Bali.

Uma das festividades mais importantes no Islã é o mês do Ramadã, tempo em que se celebra o jejum. Durante este mês, os muçulmanos se abstêm de alimentar-se do nascer ao pôr do sol, alimentando-se somente à noite. Esta comemoração está relacionada com a revelação do Alcorão no Monte Hira. Segundo O'Donnell.²³⁷

Muhammad estava no Monte Hirana septuagésima noite do Ramadan, em 610 d.C. Ele teve uma visão, que acreditou ter sido o Anjo Gabriel. O anjo o agarrou e, Muhammad não ousava se mexer. Então, ele ouviu a ordem: "Recite!" Muhammad era analfabeto, mas a primeira sentença do Alcorão saiu de seus lábios. Houve um período em que ele sentiu medo e ceticismo. Quem afinal o havia agarrado? Um espírito do deserto (um jinn)? Será que ele será como os shaman ou curadores das tribos? Mas ele teve outra visão do anjo, enorme, muito alto. Ele voltou tremendo para casa e para a sua esposa. Ela se aconselhou com o Hanif Waraqa, que sentiu que aquele era o chamado para Muhammad ser profeta. Dois anos se passaram antes que chegasse a próxima revelação, mas desta vez ela foi longa e aconteceu a luz do dia. Ele perdia peso, geralmente ficava exausto, tremendo e suando, coberto por uma manta. Quando a revelação acontecia, ele se abaixava abruptamente, colocando a cabeça entre os joelhos.

No segundo dia do mês seguinte ao Ramadan, "acontece o Id-ul- Fitr, período de festa e contentamento que foi instituído pelo próprio Muhammad, e considerado um feriado nacional para a comunidade muçulmana."²³⁸ A celebração após o Ramadan tem início na mesquita e, ocorre entre "os familiares e amigos para troca de presentes e uma oração coletiva.". O uso de uma roupa nova é tradição neste dia, além de dar aos pobres comida e presentes.²³⁹

O Id-ul-Adha também é um festival instituído por Muhammad e, acontece no final da peregrinação a Meca. Neste dia os muçulmanos lembram a história de Abraão sacrificando o seu filho Ismael, no Alcorão e, Isaac na Bíblia, por isso é conhecido como o festival do sacrifício. Geralmente, cada família sacrifica um carneiro ou uma cabra em memória de Abraão. Os muçulmanos procuram realizar todas as festividades, mesmo quando estão fora de seu país de origem, com a finalidade de respeitar e seguir as tradições.

Nas festividades cristãs, a celebração do Natal é uma das mais importantes, pois, se comemora o dia do nascimento de Jesus, o Cristo. "A celebração começou tardiamente depois que a fé cristã foi aceita pelo Império Romano, no Sec. IV D.C."²⁴⁰ A data do nascimento de

²³⁷O'DONNELL, Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari 2007, p.38.

²³⁸O'DONNELL, 2007, p.162.

²³⁹O'DONNELL. 2007, p.162.

²⁴⁰O'DONNELL, 2007, p. 137.

Jesus, 25 de dezembro é imprecisa. Isto porque “o Natal foi adaptado a uma celebração pagã em honra do deus sol que existia no Império Romano, denominada de Saturnalia.”²⁴¹ Jesus não nasceu no dia 25 de dezembro, este somente é o dia oficial de seu nascimento. “Na realidade, ele provavelmente nasceu em fevereiro ou no começo de março, talvez até mesmo no meio do verão.”²⁴² O Natal é uma festa iluminada, onde as ruas, o comércio e a maioria das casas acrescentam cores douradas e prateadas, além de uma grande quantidade de enfeites luminosos para celebrar a encarnação: Deus tornando-se homem.

Uma das festividades mais animadas, no contexto cristão católico, são as festas Juninas. Estas festas ocorrem desde o “Sec. XVI e foram trazidas pelas mãos dos Jesuítas com o intuito de atrair os indígenas para a catequese.”²⁴³ As festas Juninas tem este nome em homenagem ao Santo da igreja Católica, “São João Batista, que é comemorado no dia 24 de junho. Mas, outros dois santos também são comemorados neste mês: Santo Antônio, no dia 13 de junho e, São Pedro, no dia 29 do mesmo mês.”²⁴⁴

As festas Juninas foram adquirindo o caráter e a cultura local, o que as diferencia ligeiramente, mas enriquece a cultura como um todo. Há dois tipos de festa Juninas que são distintas a que acontece no Nordeste e a que acontece no Sul e Sudeste. Segundo Oliveira e Sobral:

No Nordeste as festas Juninas são mais expressivas e atraem muitos turistas. Há fartura de comidas típicas, dança de quadrilha, forró além de outros estilos como o xote, reizado e o samba de coco. As festas Juninas realizadas no Sul são de origem Espanhola e Portuguesa e as comemorações são animadas com a dança das fitas. As roupas são no estilo caipira com vestidos rodados e roupas masculinas enfeitadas com remendos. Como a festa acontece no Sul, o churrasco está presente na culinária. As Festas do Sudeste acontecem com muita música country e sertaneja. A roupa dos homens e das mulheres também são remendadas e o chapéu de palha não pode faltar. Nem algumas localidades do Estado de São Paulo, Norte do Paraná, Sul de Minas Gerais e Goiás, as roupas no estilo country são muito utilizadas nestas festividades.

Com altos investimentos, a região nordestina atrai no mês de junho muitos visitantes e, agita a economia turística da região, com a tradição e a cultura do Nordeste. “As danças de quadrilha se adaptaram as danças nordestinas como é o caso do Forró pé de Serra. Este forró é muito valorizado no Nordeste, pois é de lá a sua origem cultural”²⁴⁵. Além disso,

²⁴¹O’DONNELL, Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari .2007, p 137.

²⁴²O’DONNELL, 2007, p 137.

²⁴³OLIVEIRA, Thiago C. B. SOBRAL, Philippe P. *Festas Junina, Uma Relação Social e Cultural com a Indústria do Povo*. Artigo, p.2. <http://pt.slideshare.net/ThyagoOliveira/artigo-cientifico-festa-junina-nordestinidade-no-design>

²⁴⁴ OLIVEIRA, SOBRAL, p.2.

²⁴⁵OLIVEIRA, Thiago C. B. SOBRAL, Philippe P. *Festas Junina, Uma Relação Social e Cultural com a Indústria do Povo*. Artigo, p.9. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ThyagoOliveira/artigo-cientifico-festa-junina-nordestinidade-no-design>

“compositores nordestinos como Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, clássicos do forró”²⁴⁶, com suas músicas, animam as festas juninas da região.

Atualmente, as festas Juninas são em certas localidades, um grande evento, além de “um mix cultural, pois, uniu uma variedade de práticas sociais e elementos simbólicos tais como: rurais, urbanos, tradicionais, sagrados, profanos, cujas significações unem-se umas às outras.”²⁴⁷ Com suas quermesses, decoração típica com bandeirolas coloridas, fogueiras e fogos, bem como com a culinária típica, crianças e adultos podem preservar na memória esta festividade que vai além da marca religiosa, mas que se acentua como um importante traço cultural.

As festas acontecem nas mais diferentes religiões e envolvem tanto a cultura como as crenças de cada povo. Além de apresentar a pluralidade religiosa aos alunos, apresentar as diferenças culturais é também construir uma maturidade que conduza aos respeito. Cada povo tem a sua beleza e singularidade e, necessitam das festas para encontrar com os outros “fortificando o espírito fadigado da vida do dia a dia.”²⁴⁸ As festividades oferecem as pessoas o “acesso a uma vida inteira de comunhão com o sagrado, podendo, assim, refletir mais sobre suas experiências existenciais tanto no plano concreto como transcendente.”²⁴⁹

É em um contexto assim que o pedagogo precisa adquirir competência e habilidade para trabalhar com o Ensino Religioso na dimensão escolar. As concepções sobre as divindades, ou sobre Deus não podem ficar aprisionadas no entendimento individual do profissional. Ler e refletir sobre a pluralidade religiosa é exigência para um profissional da educação na atualidade. Não há mais lugar, por exemplo, para desconsiderar os festejos juninos somente porque o pedagogo é evangélico e a origem da festa é católica. Segundo Biaca²⁵⁰:

Não se pode esquecer a necessidade de compreensão da linguagem simbólica presente para participar efetivamente de todos os acontecimentos da festa. Caso isso não ocorra, a pessoa pode até gostar do que presencia, mas não será capaz de perceber e compreender tudo que ocorre ao seu redor, enfim, encontrar o sentido de estar vivenciando aquele momento.

²⁴⁶OLIVEIRA, Thiago C. B. SOBRAL, Philippe P. *Festas Junina, Uma Relação Social e Cultural com a Indústria do Povo*. Artigo, p.2. <http://pt.slideshare.net/ThyagoOliveira/artigo-cientifico-festa-junina-nordestinidade-no-design> p.9.

²⁴⁷OLIVEIRA, SOBRAL, p.3

²⁴⁸BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008, p. 95.

²⁴⁹BIACA, 2008, p. 95.

²⁵⁰BIACA, 2008, p.95.

As religiões têm marcas próprias que precisam ser refletidas e, conhecidas no campo pedagógico. As mudanças nas relações dependem de aprendizagem sobre virtudes e valores, sem as quais não se desenvolve autonomia, liberdade de expressão e tolerância as diferenças

3.3 O Ensino Religioso Através das Músicas e Cantos Populares

Com a edição da Lei nº. 11.769, de 18 de agosto de 2008, as escolas de Educação Básica do país (Educação Infantil Ensino Fundamental e Médio), pública e privada, viram-se diante da necessidade de incluir em suas estruturas curriculares o ensino de música. Segundo Craveiro,²⁵¹ "O objetivo não é formar músicos, mas desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a integração dos alunos".

Neste trabalho o objetivo não é dissertar sobre a música ou a musicalidade das crianças e adolescentes, na educação infantil e ensino fundamental, mas tão somente, buscar na música e canção popular brasileira um referencial religioso e sacro, que possam ajudar na compreensão dos elementos que formam a cultura religiosa brasileira. Ao mesmo tempo, apresenta-se a possibilidade de, nas aulas de ensino religioso, usar a música popular brasileira, e os cantos populares, como elemento didático para o processo de ensino aprendizagem de nossa cultura e de nossas religiões. E, ainda, poder apresentar aos alunos a possibilidade da convivência fraterna e pacífica, uma vez que a música entoa sem querer catequizar ou evangelizar ninguém. Música é música.

A música sempre existiu no Brasil. Sempre. Os índios sabiam como ninguém dominar o som fazendo belas canções e melodias. Eles Cantavam e dançavam para agradecer, pedir cura, chuva e em louvor as seus deuses (entidades invisíveis) da caça, pesca, guerra, nascimento, morte e em todas as comemorações da vida tribal. Os próprios índios faziam os seus instrumentos musicais, que eram passados de pai para filho como herança. Alguns desses instrumentos eram considerados sagrados. O índio músico possuía regalias e destaque. Quando preso por tribos diferentes tinha o direito de não ser condenado à morte. Há várias tribos brasileiras, que se dividem em diversos povos de hábitos, costumes e línguas diferentes.

²⁵¹CRAVEIRO, Clélia. *Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica*. http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/aceb001_07.pdf

Cada tribo possui sua cultura, religião, crenças e conhecimentos específicos. Segundo Charone²⁵²:

A influência indígena foi de suma importância, para qualquer evento que ocorra na tribo há um ritual repleto de música, dança tradição e significação. Foi isso que os jesuítas e os portugueses sentiram ao chegar ao Brasil, essa envoltura mística e sedutora dos batuques indígenas, essa facilidade de expressar suas emoções pela música e pela dança fascinou o povo estranho que tinha chegado ali, com os cânticos improvisados de boas-vindas ou quem sabe de lastima por enxergar um futuro não muito agradável com tal chegada, Com os pés batendo, os adornos de sementes que davam sonoridade, os instrumentos feitos da natureza sem muita técnica, era apenas o pau, a corda e as sementes, tudo isso encantou os estrangeiros e encanta a todos que ouvem e sentem o sentimento indígena nos dias atuais.

A música nascida com os afrodescendentes mistura a influência da africana, elementos da música portuguesa e ainda elementos da cultura e música indígena. A música brasileira tem uma forte influência dos ritmos africanos sendo que as mais conhecidas são o samba, maracatu, coco, jongo, carimbo, ijexá, lambada, maxixe, congo. No entanto, somente a partir do século XX a música negra, vinda com os escravos, aqui no Brasil, e possível em toda a América, passou a merecer atenção e se tornou mais conhecida. Segundo Almeida e Silva²⁵³:

O samba foi uma das primeiras expressões da cultura afro-brasileira a ser admirada quando ocupou lugar de destaque na música popular. Desde 1870, o encontro de influências rítmicas como lundu, polca, maxixe e tango gerou um tipo de música com características do samba. As batidas nos couros dos tambores davam o ritmo das manifestações.

A Música Popular Brasileira está repleta de exemplos de religiosidade a começar pela fé católica, vinda com os portugueses na época do descobrimento do Brasil, para catequizar os índios. Segundo Charone²⁵⁴, junto com os portugueses:

[...] também vieram seus costumes, sua religião, sua arte, sua dança e sua música que eram bem diferentes da dos índios e vieram os seus instrumentos musicais, o violão, cavaquinho, flauta, sanfona, viola, violino clarineta, violoncelo, contrabaixo, piano, as danças e os cantos tradicional luso que existem até hoje, se tornaram as cantigas de roda: “Boi, boi, boi, boi da cara preta...”

A chegada dos africanos, trazidos como escravos transformou a música brasileira para sempre. Eles trouxeram seus instrumentos: agogô, atabaque, berimbau, reco-reco, xequeré, caxixi e ganzá. O caxixi que significa "palma da mão" no idioma quimbundo e é formado por uma cesta de vime cheia de pedrinhas. E não se deve esquecer-se do tambor que quando grande, é conhecido no Rio Grande do Sul como Sopapo. Há tanto vários instrumentos que podem ser construídos, além de pesquisas realizadas na biblioteca da escola ou na internet. As

²⁵²CHARONE, Karla. *A Influência Indígena, Portuguesa e Negra na Música e na Dança Brasileira. Especificamente no Carimbo*. 2010. <http://academicadepedagogia.blogspot.com.br/2010/05/influencia-indigena-portuguesa-e-negra.html>. Consulta: 09/02/2015.

²⁵³ALMEIDA, Cristovam D. SILVA, Ana P. *Projeto RS Negro: Educando Para a Diversidade*. <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/revista.pdf> p.10.

²⁵⁴CHARONE, 2010.

crianças, em suas pesquisas, perceberão que “a música também foi muito favorecida pela cultura africana, que contribuiu com os ritmos que são à base de boa parte da música popular brasileira. O gênero musical lundu, que juntamente com outros gêneros deu origem à base rítmica do maxixe, samba, choro e bossa nova.²⁵⁵”

A voz de vários cantores enriqueceu a cultura brasileira. Clara Nunes guarda uma profunda sintonia com o candomblé, e nas letras e músicas que deixou, há diversas formas de louvar os Orixás”. Nos tabuleiros das baianas havia o acarajé com vatapá (comida votiva que se oferece a Iansã), a canjica, o ekô, o ebô e o mungunzá (de Oxalá), o abará (de Xangô), o amalá ou caruru (de Xangô e de Ibeji), entre outras. Os nomes dessas comidas, anunciados pelas baianas, muitas vezes em forma de preção, aparecem em várias letras cantadas por Carmem Miranda. A mais conhecida delas, no entanto, foi “No tabuleiro da baiana”, de Ary Barroso, gravada em 1936 juntamente com Luiz Barbosa.

No tabuleiro da baiana tem / Vatapá, oi, caruru, / Mungunzá, oi, tem umbu... pra ioiô. / Se eu pedir você me dá / O seu coração / Seu amor de iaiá? / No coração da baiana tem / Sedução, oi, canjerê, / Ilusão, oi, candomblé / Pra você / Juro por Deus, pelo Senhor do Bonfim, / Quero você baianinha, inteirinha pra mim / E depois, o que será de nós dois? / Teu amor, é tão fugaz, enganador. / Tudo já fiz, fui até num canjerê, / Pra ser feliz, meus trapinhos juntar com você / E depois? Vai ser mais uma ilusão / No amor quem governa é o coração.

A mistura de “religião e ideologia se destacou na música “Upa Neguinho”, de Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri, composta para a peça “Arena Conta Zumbi” onde a valentia e a magia são vistas como formas negras de luta, mesmo quando a liberdade só pode ser vislumbrada.²⁵⁶”

Upa! neguinho na estrada / Upa! pra lá e pra cá / Virge, que coisa mais linda! / Upa! neguinho começando a andá / Começando a andá, começando a andá / E já começa a apanhá / Cresce, neguinho e me abraça / Cresce e me ensina a cantá / Eu vim de tanta desgraça / Mas muito te posso ensiná / Capoeira, posso ensiná / Ziquizira, posso tirá / Valentia, posso emprestá / Mas liberdade só posso esperá.

²⁵⁵Fonte:http://www.sppert.com.br/Artigos/Brasil/Cultura/A_influ%C3%Aancia_africana/ Título: A Influência Africana.

²⁵⁶AMARAL, Rita. SILVA, Vagner Gonçalves. *Foi conta para todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro.*

Uma canção expressiva de Caetano Veloso é datada de 1979. A reflexão sobre a passagem do tempo cantado para as iniquices, “divindades de origem angolanas, cultuadas no Brasil.”²⁵⁷

És um senhor tão bonito / Quanto a cara do meu filho / Tempo, Tempo, Tempo, Tempo / Vou te fazer um pedido / [...] / Compositor de destinos / Tambor de todos os ritmos / [...] / Entro num acordo contigo / [...] / Por seres tão inventivo / E pareceres contínuo / [...] / És um dos deuses mais lindos / [...] / Que sejas ainda mais vivo / No som do meu estribilho / [...]

Nesta produção, há uma música expressiva, que muitos brasileiros conhecem pela melodia. É a música judaica Hava Nagila, a mais famosa canção judaica que tem mais de 100 anos. Segundo fonte pesquisada²⁵⁸:

Um dia, há muito tempo atrás, um professor cantarolou uma melodia em uma yeshiva de Jerusalém e, pediu às crianças que escrevessem um verso que pudesse adaptar a melodia. O vencedor do concurso foi um menino de 12 anos com seu poema Hava Nagila. O menino se inspirou no Salmo 118, versículo 24, (Ze hayom assa Adonai; nagila ve nismecha bo), Este é o dia que fez o Senhor; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele.

Para os professores, os cantos e músicas aqui propostas, quer servir de ponto de apoio e fonte de ajuda, sendo aqui apenas uma gota, dentro do mar de música e canções populares, que poderão ser utilizadas nas aulas, sem infringir qualquer crença. Pelo contrário. É importante deixar claro que a música não passou a ser uma disciplina obrigatória do currículo escolar, mas componente presente na chamada artes, que se apresenta de forma muito ampla.

Seleção de Músicas e Cantos populares

1 - Um Índio - Caetano Veloso

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul
Na América, num claro instante
Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias.

²⁵⁷Fonte de Consulta <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Iniquices>.

²⁵⁸Fonte: <http://kehilah-itabunabahia.blogspot.com.br/2007/10/musicas-judaicas.html>

Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá

Um índio preservado em pleno corpo físico
Em todo sólido, todo gás e todo líquido
Em átomos, palavras, alma, cor
Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico
Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto-sim resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito

Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio

2 - Índio do Brasil - Boi Garantido

Sou igara nessas águas
Sou a seiva dessas matas
E o ruflar das asas de um beija-flor
Eu vivia em plena harmonia com a natureza
Mas um triste dia o kariwa invasor
No meu solo sagrado pisou
Desbotando o verde das florestas
Garimpando o leito desses rios
Já são cinco séculos de exploração
Mas a resistência ainda pulsa no meu coração
Na cerâmica Marajoara, no remo Sateré
Na plumária ka'apor, na pintura kadiwéu
No muiiraquitã da icamiaba
Na zarabatana Makú, no arco Mundurukú

No manto Tupinambá, na flecha kamayurá
Na oração Dessana...
Canta índio do Brasil
Canta índio do Brasil
Anauê nhandeva, anauê hei, hei, hei!
"Dos filhos deste solo és mãe gentil pátria amada Brasil".

3 - Procissão - Luiz Gonzaga

Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos, os homens escutando tiram chapéu
Eles vivem penando aqui na Terra
Esperando o que Jesus prometeu
E Jesus prometeu coisa melhor
Prá quem vive nesse mundo sem amor
Só depois de entregar o corpo ao chão, só depois de morrer neste sertão
Eu também tô do lado de Jesus, só que acho que ele se esqueceu
De dizer que na Terra a gente tem
De arranjar um jeitinho prá viver
Muita gente se arvora a ser Deus e promete tanta coisa pro sertão
Que vai dar um vestido prá Maria, e promete um roçado pro João
Entra ano, sai ano, e nada vem, meu sertão continua ao Deus dará

4 - Romaria - (Renato Teixeira) - Elis Regina

É de sonho e de pó
O destino de um só
Feito eu perdido
Em pensamentos
Sobre o meu cavalo

É de laço e de nó
De jibeira o jiló
Dessa vida
Cumprida a só

Sou caipira, pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida (2x)

O meu pai foi peão
Minha mãe solidão
Meus irmãos

Perderam-se na vida
À custa de aventuras

Descasei, joguei
Investi, desisti
Se há sorte
Eu não sei, nunca vi

Sou caipira, Pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida (2x)

Me disseram, porém
Que eu viesse aqui
Prá pedir de
Romaria e prece
Paz nos desaventos

Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar
Meu olhar

Sou caipira, pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida (2x)

5 - Se Eu Quiser Falar Com Deus - Gilberto Gil

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus
Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou

Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração
Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar

6–365 Igrejas - Dorival Caymmi

365 igrejas. a Bahia tem (2X)
Numa eu me batizei
Na segunda eu me crismei
Na terceira eu vou casar com uma mulher que eu quero bem (2X)

365 igrejas. a Bahia tem (2X)
Numa eu me batizei
Na segunda eu me crismei
Na terceira eu vou casar com uma mulher que eu quero bem (2X)

Se depois que eu me casar
Me nascer um bacuri
Vou me embora pra Bahia, vou.
Vou batizar no Bonfim
Mas se for me parecendo
Que os meninos vão nascendo
Por cada uma igreja que tem lá
Sou obrigado a comprar minha
Passagem pra voltar pra cá, não é....

365 igrejas. a Bahia tem (2X)
Numa eu me batizei

Na segunda eu me crismei
Na terceira eu vou casar com uma mulher que eu quero bem (2X)

Se depois que eu me casar
Me nascer um bacuri
Vou me embora pra Bahia, vou.
Vou batizar no Bonfim
Mas se for me parecendo
Que os meninos vão nascendo
Por cada uma igreja que tem lá
Sou obrigado a comprar minha
Passagem pra voltar pra cá, não é....

365 igrejas. a Bahia tem (2X)
Numa eu me batizei
Na segunda eu me crismei
Na terceira eu vou casar com uma mulher que eu quero bem (3X)

7 - Dois de Fevereiro - Dorival Caymmi

Dia dois de fevereiro
Dia de festa no mar
Eu quero ser o primeiro
A saudar Iemanjá
Dia dois de fevereiro
Dia de festa no mar
Eu quero ser o primeiro
A saudar Iemanjá
Escrevi um bilhete a ela Pedindo pra ela me ajudar
Ela então me respondeu
Que eu tivesse paciência de esperar
O presente que eu mandei pra ela
De cravos e rosas vingou
Chegou, chegou, chegou
Afim que o dia dela chegou
Chegou, chegou, chegou
Afim que o dia dela chegou.

8 - Coisa da Antiga - Clara Nunes

Na tina, vovó lavou, vovó lavou
A roupa que mamãe vestiu quando foi batizada
E mamãe quando era menina teve que passar, teve que passar
Muita fumaça e calor no ferro de engomar.

Hoje mamãe me falou de vovó só de vovó
Disse que no tempo dela era bem melhor
Mesmo agachada na tina e soprando no ferro de carvão
Tinha-se mais amizade e mais consideração.

Disse que naquele tempo a palavra de um mero cidadão
Valia mais que hoje em dia uma nota de milhão
Disse afinal que o que é de verdade

Ninguém mais hoje liga
Isso é coisa da antiga, ai na tina...

Hoje o olhar de mamãe marejou só marejou
Quando se lembrou do velho, o meu bisavô
Disse que ele foi escravo, mas não se entregou à escravidão
Sempre vivia fugindo e arrumando confusão.

Disse pra mim que essa história do meu bisavô, negro fujão
Devia servir de exemplo a "esses nego pai João."
Disse afinal que o que é de verdade

Ninguém mais hoje liga
Isso é coisa da antiga
Oi na tina...

9 – Encanteria (Paulo César Pinheiro) - Maria Bethânia

Vou queimar a lamparina
Quando o rei me der sinal
Eu sou da casa de mina
Ele é da casa real

Eu desci da lua cheia
Pelo raio que alumia
Eu cheguei na sua aldeia
Pra fazer encanteria

Eu vim ver minha maninha
Dona do fundo do mar
Ela canta de noitinha
De manhã dorme a cantar

Moço, apague essa candeia
Deixa tudo aqui no breu
Quero nada que clareia
Quem clareia aqui sou eu

Vou queimar a lamparina
Quando o rei me der sinal
Eu sou da casa de mina
Ele é da casa real

Vim depressa como o vento
Mas não sei porque é que eu vim
Foi num canto de lamento
Que alguém chamou por mim.

Acho que cheguei mais cedo
Antes de quem me chamou
Mas, se me chamou com medo
Vou-me embora, agora eu vou.

De qualquer maneira eu deixo
Nessa casa, minha luz,
Abro ponto e ponto fecho
Deixo o resto com Jesus.

Vou queimar a lamparina
Quando o rei me der sinal
Eu sou da casa de mina
Ele é da casa real.

10 - Samba da Bênção - Vinicius de Moraes

É melhor ser alegre que ser triste
Alegria é a melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração

Mas pra fazer um samba com beleza
É preciso um bocado de tristeza
É preciso um bocado de tristeza
Senão, não se faz um samba não

Senão é como amar uma mulher só linda
E daí? Uma mulher tem que ter
Qualquer coisa além de beleza
Qualquer coisa de triste
Qualquer coisa que chora
Qualquer coisa que sente saudade
Um molejo de amor machucado
Uma beleza que vem da tristeza
De se saber mulher
Feita apenas para amar
Para sofrer pelo seu amor
E pra ser só perdão

Fazer samba não é contar piada
E quem faz samba assim não é de nada
O bom samba é uma forma de oração

Porque o samba é a tristeza que balança
E a tristeza tem sempre uma esperança
A tristeza tem sempre uma esperança
De um dia não ser mais triste não

Feito essa gente que anda por aí
Brincando com a vida
Cuidado, companheiro!

A vida é pra valer
E não se engane não, tem uma só
Duas mesmo que é bom
Ninguém vai me dizer que tem
Sem provar muito bem provado
Com certidão passada em cartório do céu
E assinado embaixo: Deus
E com firma reconhecida!
A vida não é brincadeira, amigo
A vida é arte do encontro
Embora haja tanto desencontro pela vida
Há sempre uma mulher à sua espera
Com os olhos cheios de carinho
E as mãos cheias de perdão
Ponha um pouco de amor na sua vida
Como no seu samba

Ponha um pouco de amor numa cadência
E vai ver que ninguém no mundo vence
A beleza que tem um samba, não

Porque o samba nasceu lá na Bahia
E se hoje ele é branco na poesia
Se hoje ele é branco na poesia
Ele é negro demais no coração

Eu, por exemplo, o capitão do mato
Vinicius de Moraes
Poeta e diplomata
O branco mais preto do Brasil
Na linha direta de Xangô, saravá!
A bênção, Senhora
A maior ialorixá da Bahia
Terra de Caymmi e João Gilberto
A bênção, Pixinguinha
Tu que choraste na flauta
Todas as minhas mágoas de amor
A bênção, Sinhô, a bênção, Cartola
A bênção, Ismael Silva
Sua bênção, Heitor dos Prazeres
A bênção, Nelson Cavaquinho
A bênção, Geraldo Pereira
A bênção, meu bom Cyro Monteiro
Você, sobrinho de Nonô
A bênção, Noel, sua bênção, Ary
A bênção, todos os grandes
Sambistas do Brasil
Branco, preto, mulato
Lindo como a pele macia de Oxum
A bênção, maestro Antônio Carlos Jobim

Parceiro e amigo querido
Que já viajaste tantas canções comigo
E ainda há tantas por viajar
A bênção, Carlinhos Lyra
Parceiro cem por cento
Você que une a ação ao sentimento
E ao pensamento
A bênção, a bênção, Baden Powell
Amigo novo, parceiro novo
Que fizeste este samba comigo
A bênção, amigo
A bênção, maestro Moacir Santos
Não és um só, és tantos como
O meu Brasil de todos os santos
Inclusive meu São Sebastião
Saravá! A bênção, que eu vou partir
Eu vou ter que dizer adeus.

Ponha um pouco de amor numa cadência
E vai ver que ninguém no mundo vence
A beleza que tem um samba, não.

Porque o samba nasceu lá na Bahia
E se hoje ele é branco na poesia
Se hoje ele é branco na poesia
Ele é negro demais no coração.

11 – Gênesis (Apostólo Estevam Hernandes E Brother Simion) - Renascer Praise

Você me pergunta quem sou
Onde estou
Para onde vou
Sou nascido de Deus
Estou no centro de sua vontade
O vento sopra pra onde quer
Assim sou eu, sou eu
Assim sou eu, sou eu
Em muitas coisa você acreditou
Viveu no mundo de ilusões
Depositou tua fé em homens
Que não podem responder tuas orações
Acredite o Sol, a Terra e o Mar
Foram feitos pra você, pra você
Pra você, pra você
Foram feitos pra você, pra você
Pra você, pra você
Vem sentir o Poder

Vem conhecer os segredos
De quem te projetou com amor
Corpo, Alma e Espírito
elo de vida com o criador
Você é fruto do sonho de Deus
De Deus, de Deus, de Deus
Você é fruto do sonho de Deus
De Deus, de Deus, de Deus
Sou nascido de Deus
Eu sou fruto do sonho de Deus
de Deus, de Deus, de Deus
Eu sou fruto do sonho de Deus
de Deus, de Deus, de Deus

12 - Tiro de Misericórdia 2 - João Bosco
O menino cresceu entre a ronda e a cana
Correndo nos becos que nem ratazana.
Entre a punça e o afano, entre a carta e a ficha
Subindo em pedreira que nem lagartixa.
Borel, juramento, urubu, catacumba,
Nas rodas de samba, no eró da macumba.
Matriz, querosene, salgueiro, turano,
Mangueira, são carlos, menino mandando,
Ídolo de poeira, marafo e farelo,
Um deus de bermuda e pé-de-chinelo,
Imperador dos morros, reizinho nagô,
O corpo fechado por babalaôs.

Baixou oxolufã com as espadas de prata,
Com sua coroa de escuro e de vício.
Baixou cão-xangô com o machado de asa,
Com seu fogo brabo nas mãos de corisco.
Ogunhê se plantou pelas encruzilhadas
Com todos seus ferros, com lança e enxada.
E oxossi com seu arco e flecha e seus galos
E suas abelhas na beira da mata.
E oxum trouxe pedra e água da cachoeira
Em seu coração de espinhos dourados.
Iemanjá, o alumínio, as sereias do mar
E um batalhão de mil afogados.

Iansã trouxe as almas e os vendavais,
Adagas e ventos, trovões e punhais.
Oxum-maré largou suas cobras no chão.
Soltou sua trança, quebrou o arco-íris.
Omulu trouxe o chumbo e o chocalho de guizos
Lançando a doença pra seus inimigos.

E nana-buruquê trouxe a chuva e a vassoura
Pra terra dos corpos, pro sangue dos mortos.

Exus na capa da noite soltara a gargalhada
E avisaram a cilada pros orixás.
Exus, orixás, menino, lutaram como puderam
Mas era muita matraca e pouco berro.
E lá no horto maldito, no chão do pendura-saia,
Zumbi menino lumumba tomba da raia
Mandando bala pra baixo contra as falanges do mal,
Arcanjos velhos, coveiros do carnaval.

- irmãos, irmãs, irmãozinhos,
Por que me abandonaram?
Por que nos abandonamos
Em cada cruz?

- irmãos, irmãs, irmãozinhos,
Nem tudo está consumado.
A minha morte é só uma:
Ganga, lumumba, lorca, Jesus

Grampearam o menino do corpo fechado
E barbarizaram com mais de cem tiros.
Treze anos de vida sem misericórdia
E a misericórdia no último tiro.

Morreu como um cachorro e gritou feito um porco
Depois de pular igual a macaco.
Vou jogar nesses três que nem ele morreu:
Num jogo cercado pelos sete lados.

13 - Canto Das Três Raças - (Paulo Cesar Pinheiro e Mauro Duarte) - Clara Nunes

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô

ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador

Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

14 - Saga Da Amazônia - Geraldo Azevedo

Era uma vez na AMAZÔNIA, a mais bonita floresta
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
No fundo d'água as IARAS, caboclo lendas e mágoas
E os rios puxando as águas

PAPAGAIOS, PERIQUITOS, cuidavam das suas cores
Os peixes singrando os rios, Curumins cheios de amores
Sorria o JURUPARI, URAPURU, seu porvir
Era: FAUNA, FLORA, FRUTOS E FLORES

Toda mata tem caipora para a mata vigiar
Veio caipora de fora para a mata definhar
E trouxe DRAGÃO-DE-FERRO, prá comer muita madeira
E trouxe em estilo gigante, prá acabar com a capoeira.

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
Prá o dragão cortar madeira e toda mata derrubar:
Se a floresta meu amigo tivesse pé prá andar
Eu garanto meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá.

O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar
E o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar??

Depois tem passarinho, tem o ninho, tem o ar
ICARAPÉ, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar.

Mas o DRAGÃO continua a floresta devorar
E quem habita essa mata prá onde vai se mudar??
Corre ÍNDIO, SERINGUEIRO, PREGUIÇA, TAMANDUÁ
TARTARUGA, pé ligeiro, corre-corre TRIBO DOS KAMAIURA

No lugar que havia mata, hoje há perseguição
Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
Afora os que já morreram como ave-de-arribação
Zé da Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
Gente enterrada no chão:

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro
Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
Roubou seu lugar

Foi então que um violeiro chegando na região
Ficou tão penalizado e escreveu essa canção
E talvez, desesperado com tanta devastação
Pegou a primeira estrada sem rumo, sem direção
Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
Dentro do seu coração.

Aqui termina essa história para gente de valor
Prá gente que tem memória muito crença muito amor
Prá defender o que ainda resta sem rodeio, sem aresta

Era uma vez uma floresta na linha do equador.

15 - Berekekê - Geraldo Azevedo

Erumbekum Berekekê
Erumbekum Berekeká

Há muitos sóis não te vejo
Muitas luas não te beijo
Tantas estrelas queimando
Nos mares do meu desejo

Seja fruta todo açúcar
E o amargor da realeza
Pelos ares semeando
Essa estranha natureza

Erumbekum Berekekê
Erumbekum Berekeká
Ai ai ai beleza
Ai tambor(amor) ai padecer

Não quero chamar em vão
Os nomes do meu querer

Cocar de penas, morena
Coração flecha ligiera
Primeira missa profana
Silvestre abelha me beija

Erumbekum Berekekê
Erumbekum Berekeká

Quase índio
Amazonas
Olho D'água arco-íris
Eu vou te encontrar no so
Ardente como a estrela
Cadente no seu olhar
Paixão índia canção negra
Tanta Luz nos queimar

16 – Hare Krishna Hare Krishna - Hair

Hare Krishna Hare Krishna
Krishna Krishna Hare Hare
Hare Rama Hare Rama
Rama Rama Hare Hare

Hare Krishna Hare Krishna
Krishna Krishna Hare Hare
Hare Rama Hare Rama
Rama Rama Hare Hare

amor Love
amor Love
cair fora
cair fora
Seja in
Seja in

amor Love
amor Love
cair fora
cair fora
Seja in
Seja in

Fazer viagens receber alta
Laugh piada e adeus
bater tambor e pote de lata velha
Eu sou alto em você sabe o quê

Fazer viagens receber alta
Laugh piada e adeus
bater tambor e pote de lata velha
Eu sou alto em você sabe o quê

Fazer viagens receber alta
Laugh piada e adeus
bater tambor e pote de lata velha
Eu sou alto em você sabe o quê

Marijuana maconha
Juana Juana mari mari
Marijuana maconha
Juana Juana mari mari

Beads, flores, liberdade, felicidade
Beads, flores, liberdade, felicidade
Beads, flores, liberdade, felicidade

Beads, flores, liberdade, felicidade

Beads, flores, liberdade, felicidade
Beads, flores, liberdade, felicidade
Beads, flores, liberdade, felicidade
Beads, flores, liberdade, felicidade

16– My Spirit Flies To You - (Coro de Monjes Budistas)

(estribilho)	I dance with the wind
See the light at me	I'm flowing to your dream
Searching from many years...	You can lose your fear
My spirit flies to you	You can change your life
Now i guess it saw	

(tradução)	Eu danço com o vento
Veja a luz em mim	Eu estou fluindo para o seu sonho
Procurando por muitos anos...	Você pode perder seu medo
Meu espírito voa até você	Você pode mudar sua vida.
Agora eu acho que viu	

16– Hava Nagila (Abraham Zevi Idelsohn)

Hava Nagila

Hava nagila, hava nagila, hava nagila, venishmecha
Hava nagila, hava nagila, hava nagila, venishmecha

Hava naranena, hava naranena, hava naranena, venishmecha
Hava naranena, hava naranena, hava naranena, venishmecha

Uru, uru achim,
uru achim, belev sameach
Uru achim belev sameach,
uru achim, belev sameach
Uru achim !
uru achiiiiim
Belev sameeeeaach.

Alegremo-nos

Alegrêmo-nos,alegrêmo-nos,alegrêmo-nos,alegrêmo-nos e sejamos felizes
Alegrêmo-nos,alegrêmo-nos,alegrêmo-nos,alegrêmo-nos e sejamos felizes

Cantemos,cantemos,cantemos, e sejamos felizes
Cantemos,cantemos,cantemos, e sejamos felizes

Despertai,despertai irmãos,
Despertai irmãos com um coração contente
Despertai irmãos com um coração contente,
Despertai irmãos com um coração contente
Despertai irmãos!
Despertai irmãos
Com um coração contente.

CONCLUSÃO

Ao longo do tempo e, principalmente no século XX, a atuação do pedagogo saiu da sala de aula para ganhar outros e, porque não, inusitados ambientes sociais, conhecidos como espaços não formais de educação. Nestes ambientes os profissionais da educação, o pedagogo, continua sendo responsável pela construção e desenvolvimento dos processos educacionais e agindo, para a formação da autonomia, da conquista da liberdade intelectual e política de cada cidadão. As transformações e mudanças ocorridas nas últimas décadas fizeram com que as pessoas se desconectassem de sua essência natural e humana, descuidando assim dos seus valores essenciais da vivência em grupo, no entanto, a escola busca repensar sua função, discutindo inclusive qual o papel a ser desempenhando.

O curso de pedagogia, conforme estrutura curricular hoje desenvolvida pelas universidades e faculdades e, principalmente na ESAB, foco deste trabalho, não levaram em conta a ampliação da ação do pedagogo, conforme a legislação, artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, no que diz respeito à formação do aluno da Educação Infantil e Ensino Fundamental, nos conhecimentos do Ensino Religioso sem uma disciplina, no curso superior, que os preparem para atua nessa dimensão humana, a religiosa.

Os pedagogos que estão atuando nas escolas públicas, e que não tiveram acesso em seu curso superior, a estudos e pesquisas na área e campo da religiosidade humana, demonstram dificuldade em lecionar quando a temática é o Ensino Religioso, ou então faz destes horários, momentos de catequese conforme sua opção religiosa, o que contraria a legislação e os princípios básicos da disciplina de Ensino Religioso.

Buscamos demonstrar, ao decorrer deste estudo, a realidade vivida pelos alunos do curso de Pedagogia da ESAB, ao mesmo tempo, aprofundamos sobre o papel do pedagogo na atualidade visto que sua atuação não se restringe mais ao espaço da escola tradicional, haja vista as possibilidades de se fazer educação formal nos ambientes hospitalares, empresariais, penitenciárias e outros.

Para atender ao novo projeto social de nosso país, no campo educacional e à legislação, não resta dúvida da necessidade que as faculdades e universidades, que ofertam o curso de Pedagogia, têm em reformular a estrutura curricular para que passe a ofertar de forma científica e didática a disciplina do Ensino Religioso na sociedade, possibilitando aos pedagogos formados uma atuação eficaz frente a atual realidade social.

Muito mais do que tratar das diferenças religiosas, a proposta do Ensino Religioso no curso de Pedagogia, deve ser formar pedagogos com pesquisa e conhecimentos adequados, para que em sala de aula da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, possam apresentar a história da humanidade através da vivência da religião de cada agrupamento social, despertando a curiosidade, o respeito e o desejo do conhecimento. As aulas de Ensino Religioso nas escolas regulares públicas devem possibilitar uma convivência pacífica entre os alunos, familiares e toda a comunidade escolar, com respeito à diversidade e a acolhida do novo. Este é o ponto central deste trabalho.

A sociedade do século XXI criou novos padrões de relacionamento e de vivência comunitária e, no entanto, a escola mantém-se incólume como dantes, porém, tendo que assumir uma nova postura se quiser ser *locus* de aprendizagem nesse modelo de globalização econômica que acabou por ditar novas regras na globalização da cultura, da arte, da música e, porque não, da religião.

Este estudo deve se abrir a outros desdobramentos, como por exemplo, pesquisar a vivência dos alunos e comunidade escolar onde a disciplina de Ensino Religioso foi e é ministrada, não por pedagogo, mas por professores que se formaram em nível de pós-graduação lato e/ou stricto sensu, uma vez que muitos destes profissionais não fizeram o curso de pedagogia. Outra frente de pesquisa é avaliar em que grau a existência da disciplina de Ensino Religioso alterou as relações entre alunos e comunidade escolar “provocando” uma maior ou menor tolerância e a convivência pacífica entre as várias correntes religiosas da comunidade onde se encontra a escola. São passos a serem dados. Pesquisas a serem realizadas.

Por fim, destacamos que tanto a legislação sobre o Ensino Religioso quanto a implantação da disciplina nas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede pública, nos passos até agora dados, foram importantes, no entanto, o desafio é fazer com esta disciplina de fato cumpra com seu papel e objetivo de transformar as relações humanas numa sociedade que cada vez mais carece de solidariedade, comprometimento e responsabilização pelo outro. Não se trata de criar novos valores sociais ou religiosos, mas tão somente de possibilitar uma verdadeira integração entre as pessoas onde haja respeito e acolhimento.

REFERÊNCIAS

- AKAHASHI, T. (Org.). *Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. 2000.
- ALENCAR, E. M. L. S. *Criatividade*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1995.
- BEHRENS, Marilda A. *Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente*. In: MORAN, José M. et al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo, SP. Editora Papirus, 2000.
- BIACA, Valmir et al. *O Sagrado No Ensino Religioso*. Curitiba, PR. Secretaria do Estado da Educação. 2008.
- BRANDÃO, Carlos da F. *LDB Passo a Passo. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n° 9394/96 – Comentada e Interpretada*. São Paulo, SP. Editora Avercamp. 2007.
- BRANDENBURG, Laude E. *A integração Pedagógica no Ensino Religioso*. São Leopoldo, RS. Editora Sinodal. 2004.
- BRASIL. *Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Resolução n° 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/19/95), item 9.
- BRASIL. *Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Resolução n° 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/19/95), item 11.
- BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar*. 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. / Secretaria de Educação Especial*. – Brasília: MEC; SEESP, 2002
- CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveiral. TEODÓSIO, Hosiene Araújo. *As interfaces entre Filosofia e Pedagogia*. V Congresso Internacional da Filosofia da Educação, Caxias do Sul – RS, 2010.
- CAMPS, Anna. *Propostas didáticas para aprender a escrever*. Porto Alegre, RS. Editora Artmed. 2006.
- CANDAU, Vera Maria. *Rumo a uma nova didática*. 4ª Edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.
- CASTANHO, M. I. S.; ARIMA, T. T. *O espaço da educação não formal e os processos de desenvolvimento e aprendizagem: estudo de uma realidade*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte, 2004.
- CHARON, Joel M. VIGILANT, Lee G. *Sociologia*. São Paulo, SP. Editora Saraiva. 2013.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2005, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia*. Parecer 3/2006.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 2, de 19 de maio de 2010.

COORDENADORES DO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO RELIGIOSA (SOR). Colégio Sagrado Coração de Maria. Belo Horizonte, MG. Speed Editora. 2003.

CORTELLA, Mario S. FERRAZ, Janete L. *Escola E Preconceito. Docência, Discência e Decência*. Editora Ática, São Paulo, 2012.

CORTELLA, Mario S. *Qual é a tua obra?* 14ª Edição. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

COSTA, Antonio Carlos G. *O Professor como Educador. Um Resgate Necessário e Urgente*. Salvador BA. Fundação Luiz Eduardo Magalhães. Secretaria da Educação do Governo da Bahia. 2001.

COVEY, Stephen. *O 8º Hábito. Da Eficácia à Grandeza*. São Paulo, SP. Elsevier Editora, 2005.

CURY, A. J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante. 2003.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Incluído pela Lei nº 12.245 de 2010.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. *Lei de Execuções Penais - LEP – Lei 7.210/1984 – p.15*.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA, Licenciatura. - Resolução CNE/cp nº 1, de 15 de maio de 2006.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, SP Editora Martins Fontes. 1996.

FERNANDES, Madalena. *Afinal o que é Ensino Religioso?* São Paulo, SP. Editora Paulus. 2000.

FOWLER, J. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo RG. Editora Sinodal. 1992.

GADOTTI, M. *Pedagogia da práxis*, 2.ª ed., São Paulo: Cortez. 1998.

GALLO, Silvio. *Ética e cidadania – Caminhos da Filosofia*. Campinas SP. Papirus Editora. 2013.

GILZ, Claudino. *As Prerrogativas do Ensino Religioso como Disciplina na Educação Básica e no Curso de Pedagogia*. Curitiba, Paraná, 2012.

GOLEMAN, D. KAUFMAN, P. RAY, M. *O Espírito Criativo*. São Paulo, SP. Editora Cultrix, 1992.

- GRINSPUM, Denise e ARAUJO, Marcelo Mattos. *Museologia-Roteiros práticos, educação em museus*. 2001 volume 3.
- HAYDT, Regina, Célia. *Curso de Didática Geral*. São Paulo, Ed. Ática, 2010.
- JUNQUEIRA, Sérgio R.A. *Uma Concepção em Construção: O Ensino Religioso em uma perspectiva pedagógica a partir do Artigo 33 da LDB*. Revista de Educação PUC de Campinas, Campinas, nº 21, 2006.
- LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: GERALDI, Corinta M. G., RIOLFI, Claudia Rosa e GARCIA, Maria de F. (Orgs.). *Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - Lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Artigo 33, 9394/96.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- LEITE, Siomara Borba. *A ciência como produção cultural/material*. In: OLIVEIRA, Inês B. de; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes e saberes*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Que? 9ª*. São Paulo, Editora Cortez, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. *O Essencial da Didática e o trabalho do professor: em busca de novos caminhos*. Goiânia: 2001.
- MAGALHÃES, Justino. *A História das Instituições Educacionais em perspectiva*. In: GATTI JUNIOR, Décio e INACIO FILHO, Geraldo (Org.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.
- MAGALHÃES, Justino. *O Ensino de História da Educação*. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de e GATTI JUNIOR, Décio (orgs.). *O Ensino de História da Educação*. Vitória-ES: EDUFES, 2011.
- MARCONDES, D. *A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade*. In: BRANDÃO, Z. (Org.) *A crise dos paradigmas e a educação*. 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 1997, p.20.

MARTINS, Mirian C. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha T. *Teoria e Prática do Ensino da Arte. A Língua do Mundo*. São Paulo, SP. Editora FTD, 2010.

MATOS, Elizete Lucia Moreira. *O desafio do professor universitário na formação do pedagogo para atuação na educação hospitalar*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1998.

MELLO, Fábio Mansano. SANTOS, Leonardo Moraes. *Reflexões sobre a Educação Escolar no Sistema Prisional*, p.4. PORTUGUES, Manoel Rodrigues. *Educação de adultos presos*. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 360,2001.

MENESES Verídia P.Rosa. Tavares, Helenice M.T. *Novas perspectivas para o Ensino da Leitura, Escrita e Produção de Texto na Educação Básica*. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 269 2010 – catolicaonline.com.br/revistadacatolica

NÓVOA, A. 1995, apud WITTER, Geraldina P. (Org.) *Psicologia e Educação. Professor, Ensino e Aprendizagem*. Campinas. SP. Editora Alínea, 2004.

O'DONNELL, Kevin. *Conhecendo as Religiões do Mundo*. São Paulo, SP. Edições Rosari. 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – *Ensino Médio*. Brasília. 2000.

PARO, Vítor, H. *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

PEREIRA, Rosa V. *Aprendendo Valores Étnicos na Escola*. Belo Horizonte, MG. Editora Autêntica. 2009.

PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver competências ou ensinar saberes?* Porto Alegre, RS. Editora Penso. 2013.

PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica G. MACEDO, Lino. MACHADO Nilson j. ALESSANDRINI Cristina D. *As Competências Para Ensinar No século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação*. Porto Alegre, RS. Artmed Editora, 2002.

PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica G. MACEDO, Lino. MACHADO Nilson j. ALESSANDRINI Cristina D. *As Competências Para Ensinar No século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação*. Porto Alegre, RS. Artmed Editora, 2002.

PFEFFER, Renato S. *Diálogo Inter-religioso e construção da cidadania em um mundo Globalizado: a contribuição do sincretismo religioso brasileiro*. Belo Horizonte, MG. IBMEC-MG e FUMEC.

PIAGET, Jean. *Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento*. Tradução Agnes Cretella, 2ª edição, Rio de Janeiro: Forense 1978.

PILETTI, Nelson. *Psicologia da Educação*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB - Curso de Pedagogia Presencial, 2010.

QUEIROZ, Claudio. *As Competências das Pessoas*. São Paulo, SP. DVS Editora, 2011.

RAMOS, Zaíra L. *Conhecimentos Pedagógicos*. Brasília. Editora Vestcon. 2012.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2008.

RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 3/2005, de 3 de agosto de 2005: *Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração*. Parecer CNE/CEB nº 18/2005, de 15 de setembro de 2005.

REY, B. 2004, p.236, apud PERRENOUD, 2013.

RIPLEY, Amanda. *As crianças mais inteligentes do mundo*. São Paulo, SP, 2014. Citação de Lizia BYDLOWSKY no artigo da Revista Veja – *O mapa do Tesouro*. Edição 2399 - Editora Abril, 12 de novembro de 2014.

ROCHA, Abdruschin S. OLIVEIRA, David M. MARLOW, Sérgio L. *Ciências das Religiões. Espiritualidades Contemporâneas*. Vitória ES. Editora Unida. 2013.

SAVIANI, D. *Os saberes implicados na formação do educador*. In: BICUDO, Maria A. Silva Junior, Celestino A. (Orgs) *Formação do Educador: dever do Estado, tarefa da Universidade*. São Paulo, SP UNESP 1996.

SAVIANI, Demerval Saviani. *Contribuições da filosofia para a educação*. Em aberto, Brasília, ano 9, n.45, p.7, jan./mar. 1990.

SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1980.

SAVIANI, Demerval. *História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário*. EccoS - Revista Científica, São Paulo, v. 10, n. especial, 2008.

SENGE, P.M. *A Quinta Disciplina*. São Paulo, SP. Editora Best Seller. 1990.

TIBA, Içami. *Adolescentes; Quem Ama Educa!* São Paulo, SP. Editora Integrare. 2005.

TIBA, Içami. *Ensinar Aprendendo. Novos paradigmas na educação*. São Paulo. Integrare Editora, 2006.

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget*. São Paulo, SP. Editora Pioneira. 1993.

WITTER, Geraldina P. *Psicologia e Educação, Professor, Ensino e Aprendizagem*. Campinas, SP. Editora Alínea, 2004.

WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Zahar. 2008.

Referências Eletrônicas

ALMEIDA, Cristovam D. SILVA, Ana P. *Projeto RS Negro: Educando Para a Diversidade*.

Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/revista.pdf> p.10. Acesso: 04/01/2015

AURÉLIO. Dicionário online - <http://www.dicionariodoaurelio.com/habilidade>.

BRUSTOLIN, Leomar A. ANDREOLLA, Jurema. DAL LAGO, Maristela. *Formação de Professores de Ensino Religioso. Uma Inovação da Extensão Universitária*. Porto Alegre RS.

Disponível: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/inovacaoequalityde/inovacao/pag7.html> - acesso: 04/01/2015.

BRUSTOLIN, Leomar A. ANDREOLLA, Jurema. DAL LAGO, Maristela. *Formação de Professores de Ensino Religioso. Uma Inovação da Extensão Universitária*. Porto Alegre RS.

<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/inovacaoequalityde/inovacao/pag7.html>

BURGIERMAN, Denis R. CAVALCANTE, Rodrigo. VERGARA Rodrigo. *A Palavra de Deus*. Revista Superinteressante. Novembro, 2001. Disponível:

<http://super.abril.com.br/religiao/palavra-deus-442461.shtml> - 04/09/2014.

CAGLIARI, Débora. *O Pedagogo Empresarial e a Atuação na Empresa*. Disponível em

<http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogo/index.php?pagina=0> Acesso em 05/09/2014.

CHARONE, Karla. *A Influência Indígena, Portuguesa e Negra na Música e na Dança Brasileira. Especificamente no Carimbó*. 2010. Disponível:

<http://academicadepedagogia.blogspot.com.br/2010/05/influencia-indigena-portuguesa-e-negra.html>. Consulta: 09/02/2015.

GILZ, Claudino. *O Livro Didático e o Ensino Religioso. Escola de Educação e Humanidades*, PUCPR. Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades. 20/21 de agosto de 2012, p.3 em pdf. Disponível: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/2jointh-7439.pdf> Consulta: 09/11/2014.

KRAMER, Sonia. *As Crianças de 0 A 6 Anos Nas Políticas Educacionais No Brasil: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Campinas, SP. 2006 p.14, em pdf. Disponível:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a09v2796.pdf> Acesso em 11/08/2014.

LONGATO, Mauro. *Criatividade na Educação, estamos preparados?* 27/01/2013. Consulta: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30172/criatividade-na-educacao-estamos-preparados> Acesso 02/05/2014.

LONGATO, Mauro. *Criatividade na Educação, estamos preparados?* 27/01/2013. Consulta: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30172/criatividade-na-educacao-estamos-preparados> Acesso em 10/08/2014.

OLIVEIRA, Thiago C. B. SOBRAL, Philippe P. Festas Junina, Uma Relação Social e Cultural com a Indústria do Povo. Artigo, p.2. Disponível: <http://pt.slideshare.net/ThyagoOliveira/artigo-cientifico-festa-junina-nordestinidade-no-design> Acesso em 08/2014.

PALLOT, Fernanda, S. *Cultura Afro – Brasil. Festas e Tradições Populares*. Ministério da Cultura. 2001. Acesso em 03/08/20014.

Disponível: http://afro-latinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=711 Acesso em 28/07/2014.

PALLOT, Fernanda, S. *Cultura Afro – Brasil. Festas e Tradições Populares*. Ministério da Cultura. 2001. Disponível: http://afro-latinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=711 acessado em 04/09/2014.

PALLOT, Fernanda, S. *Cultura Afro – Brasil. Festas e Tradições Populares*. Ministério da Cultura. 2001. Disponível: RECONCILIAÇÃO DA CASA. *Diálogo inter-religioso*. Disponível: <http://www.casadareconciliacao.com.br/dialogo-inter-religioso/> Acesso em 04/09/2014.

Referências Musicais

<http://radios.ebc.com.br/nossa-musica/novidade/2013-12/religiosidade-na-musica-popular-brasileira>, acessado em 03/02/2015.

Fonte: <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Inquices..> Acesso em 03/02/2015.

Fonte: <http://kehilah-itabunabahia.blogspot.com.br/2007/10/musicas-judaicas.html> Acesso em 03/02/2015.